

# REPORTER

Fevereiro de 1980 — ano III — nº 26 — Cr\$ 25

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

**Infidelidade conjugal**

**ataca de norte a sul**

# TODO BRASILEIRO É CORNO

P.3

**Escândalo de 73  
se repete**



**Delfim manipula salário** P.2

**A VIDA SEXUAL DE  
ZÉ DO CAIXÃO**

**EXCLUSIVO**



P.19

# Delfim manipula índice pra arrochar salários

O governo do general Figueiredo está manipulando os índices de preços, que servem para calcular os reajustes salariais dos trabalhadores. A exemplo do que já aconteceu durante o governo Médici, quando o ministro do setor também era Delfim Netto, o crescimento dos preços — hoje medido pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) — está sendo contido artificialmente na estatística oficial.

A manobra começou no mês de novembro. Segundo a revista **Conjuntura Econômica**, da Fundação Getúlio Vargas, entidade ligada ao governo e portanto fora de suspeita, o INPC de novembro foi "subestimado". O índice é calculado com base numa média dos aumentos do custo de vida nas principais capitais do país. Entre maio e outubro, o custo de vida cresceu assim:

Belém.....	35,3%
Fortaleza .....	27,9%
São Paulo.....	29,14%
Rio.....	28,92%
Recife.....	33,98%
Belo Horizonte .....	32,23%
Porto Alegre.....	29,48%
Salvador.....	32%
Curitiba.....	33,36%
Brasília.....	29,01%

A revista conclui que a médias destas taxas é 30,11%. O governo disse que o INPC do mês foi 26,6%.

No INPC de dezembro, base do reajuste de janeiro, aconteceu a mesma coisa. Entre todas as capitais pesquisadas, o menor aumento do custo de vida foi o de São Paulo, com 31,4%. O INPC, entretanto foi fixado em 28,2% o que é matematicamente impossível mesmo que os pesos de cada cidade no Índice sejam diferentes.

No INPC de janeiro, ao que tudo indica a operação vai continuar: ele ficou em 38,7% enquanto o custo de vida no Rio, por exemplo, entre julho e dezembro, subiu 40,68.



## Manobra com preços vai

**continuar**

A manipulação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor faz parte da estratégia do ministro do Planejamento, Delfim Netto, para controlar a inflação.

Há algum tempo, a responsabilidade de calcular o Índice passou da Fundação Getúlio Vargas — cujo presidente, Julien Chacel, admitiu em depoimento no Congresso que fazia arranjos nos números por ordem de Delfim — para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão de maior respeito e credibilidade.

No último dia 25, depois de algumas tentativas para controlar o IBGE, pondo lá um homem de sua confiança, Delfim Netto conseguiu o que queria: a Fundação Getúlio Vargas vai calcular novamente o INPC, cabendo ao IBGE apenas a tarefa de recolher os dados.

É um verdadeiro escândalo. Manipulação de contas fazer parte de um plano de governo, como se o salário fosse o principal responsável pela inflação (ver também matéria na p. 10)

## O BANQUEIRO MOREIRA SALES COMPRA ISTO É

O empresário Walter Moreira Salles, do Unibanco é o dono atual da revista *Isto É* e é quem vai bancar os novos projetos da *Encontro Editorial* anunciados por Mino Carta no número de encerramento do que ele chamou a "primeira fase" do *Jornal da República*. Mino contou em editorial que se havia "associado" com Fernando — filho de Walter —, mas jornalistas da área econômica flagaram um encontro de Mino com Walter no Rio de Janeiro poucos dias depois do empresário-jornalista ter tido um "almoço de negócios" com representantes do Unibanco dia 18/1, sexta-feira. No sábado, Mino abriu a contabilidade de sua editora para ser vista por eles e na segunda o negócio foi fechado. Os detalhes finais foram acertados com o número um, o próprio Walter no Rio: o Unibanco ficou com 51% das ações. Quem dava apoio financeiro à *Isto É*, antes disso, era o Banco Cidade de São Paulo. É a primeira vez que um grande grupo industrial e financeira — que tem desde fazendas até indústrias petroquímicas, além do banco — entra com força no mercado editorial.



Registro Civil das Pessoas Jurídicas nº 2800

## REPORTER

EDITORES — Alex Solnik. Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Rio de Janeiro — Tim Lopes, Marcos Dantas, Vera Lúcia Dias, José Antonio Nonato, Sérgio Danilo, Sílvia Duarte, Grice Faria. São Paulo: Rivaldo Chinen, Afanásio Jazadji, Maria José Arrojo. Recife: Eduardo Homem. Salvador: Marcos Vinícius Bettencourt. Internacional: Carlos Comitini.

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Roberto Musauer, Rogério Carneiro. São Paulo — Wagner Avancini, Eliana Pastore, João Bittar.

SECRETARIA GRÁFICA — Marco Antonio Vieira Souto Rezende

ILUSTRAÇÃO — Guidacci, Maurício Veneza.

ARTE — Analuze Estrella, Guidacci, Maurício Veneza.

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PUBLICIDADE — Carlos Sarmento

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luiz Celso Araújo.

Luiz Eduardo Greenhalg

REPORTER Autônomo Independente

— Uma publicação da Margem Editorial e Programação Gráfica Ltda. Rio de Janeiro: Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel. 253-5038. São Paulo: Rua Santa Isabel, 33/8º andar, tel. 222-3103.

Composição e impressão — Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro, tel. 263-7002.

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Infidelidade sexual ataca casados e solteiros

SOMOS

TODOS CORNOS



Reportagem de: Chico Júnior e Ricardo Faria (Rio); Alex Solnik, Leila Reis, Maria José Arrojo e Rivaldo Chinem (São Paulo); e Beth Salgueiro (Recife).

Antigamente, independentemente da classe social, trepar com alguém que não fosse o parceiro ou parceira com quem se estava vivendo, usava-se a expressão "hotar chifre". Hoje, embora os folclóricos cornos ainda sejam usados, principalmente pelo povão, as classes mais esclarecidas estão "praticando relacionamento extra-conjugal" quando dão suas trepudinhas fora de casa. No final a coisa dá no mesmo e o que entra em cena é um negócio chamado traição, também conhecida por infidelidade ou adultério, segundo a lei.

Mas tenha o nome que tiver, geralmente as pessoas não assumem a infidelidade. Ouvimos muitas pessoas no Rio, em São Paulo e no Recife, muitas delas conhecidas nossas e que sabemos infiéis, (dentro do que a sociedade considera infidelidade), mas que simplesmente negaram esse fato, pois não querem colocar em risco seus relacionamentos. O certo é que, de uma maneira ou de outra, na prática ou perdendo-se em fantasias sexuais, todo mundo é um infiel em potencial. Daí, chegarmos a concordar com a atriz de televisão Lady Francisco, que foi categórica: **TODO MUNDO É CORNO.**

Com ela também concorda Edla Lobo, 43 anos, secretária assessora e executiva de ministro de Estado (não disse que ministro). À pergunta "você já foi traída por algum homem?", respondeu tranquilamente:

— Lógico! Que mulher não foi? Quem não foi! Olha, eu



A atriz Lady Francisco diz que, hoje, ninguém escapa do chifre

Foto: Chiquito Chaves

vou me espantar, cair dura se um dia ver alguém que não traiu ninguém. Já escutei muito homem dizer que põe a mão no fogo pela mulher... Ah, ah, ah. Mal sabe esse que o chifre dele tá lá em cima... E a mulher dele já tinha

contado pra mim vários casos, até com o motorista, até com o assessor do marido, até com o melhor amigo do marido.

Ela, porém, diz que não trai e nem aceita a traição, quando descoberta.

— Eu não traio por pro-

blemas de foro íntimo. Talvez se um dia eu morar com um homem que eu não goste muito, eu vá traí-lo. Acontece que quando eu não gosto suficiente, parto pra outro porque tenho independência financeira. Então, não dependo de homem em termos de dinheiro, nem de status, não dependo de homem pra ser minha muleta. Então, eu ajo diferente por esse motivo, mas sou uma exceção.

Baiano, barbeiro no mercado de São José, em Recife, vai pelo mesmo caminho:

— Pode botar aí: 75% da população de Pernambuco bota galha. É difícil saber quem bota mais o outro pra trás. Às vezes, a mulher trai por sua condição financeira. O marido ganha salário mínimo e ela quer andar bonita. Então, o negócio é traír. Diz que vai na casa de uma amiga, ou vai trabalhar, mas vai é botar chifre nele. Eu mesmo me casei com uma funcionária pública que botou tanta galha em mim que eu quase não podia passar na rua. Deixei ela.

José, Motorista de táxi em Recife, se confessa um traidor, "graças a Deus". E diz que chifre não dói.

— Traír é uma das boas coisas da vida. Já traí umas dez. Se minha mulher botar chifre em mim, pagou, não tem nada. Chifre não dói. Não vou nem brigar com ela e tamos conversados. Mas eu digo: quando a mulher bota uma galha no homem, o homem já botou umas 200 na mulher.

Muitas palavras, vários comportamentos. Mas uma coisa é certa: de um modo

geral, o machão brasileiro (e é o que predomina entre os homens) fica apavorado e sente até dor de barriga ao passar pela sua cabeça a possibilidade de um dia ser corneado pela mulher. Os mais exaltados chegam a encher suas cara-metades de porrada e alguns partem para o extremo de cometer o popular homicídio, em defesa da honra. E o pior é que, geralmente, são absolvidos e compreendidos.

Dar uma porrada, ou pelo menos pensar em dar, já é um reflexo condicionado de muito homem, como Rubão, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, casado:

— Se minha mulher me traír, dou um pau nela.

Mas sorri em seguida e diz que é brincadeira.

— Vai depender muito do momento. Vou ficar muito triste e talvez me separe, não vou admitir isso. A gente tem pensamento de que a mulher da gente tem que ser só da gente e pronto.

Mas nem todas as reações são violentas, ainda bem. Alguns preferem o desprezo, outros a conversa, e muitos resolvem pagar na mesma moeda, como a paulista Aparecida Chaboco, 32 anos, metalúrgica, mãe solteira:

— Já traí sim e continuo traíndo. Já fui traída várias vezes e me conformei porque pago na mesma moeda. Os homens são os mais infiéis, são uns cachorros ordinários. Eles podem estar junto com a mulher deles e tão olhando pra gente, fazendo sinal. É por isso que eu não caso. Sexo é só para aquela hora.

# Se a mulher olhar por cima da cerca, já fica manchada

Depois, é cada um para o seu lado.

Carmelita, dona de casa em Recife, desconfia que o marido a está traindo, mas vai ficar na dela.

— Vou dar a ele o desprezo total, matar ele aos poucos. Acho que é assim que a gente deve fazer. Homem é a classe mais traidora que existe no mundo, não tem o menor respeito pela mulher. Se a mulher olhar por cima da cerca, já fica manchada. O

homem não, faz o que quer e tudo bem.

O jornalista Adão Angelino Pereira, 42 anos, preferiu falar umas verdades para sua mulher, quando descobriu a traição.

— Ela foi até a minha banca e levei ela até o ônibus, falando umas verdades, mas conversando normalmente. Quando cheguei em casa, ela tinha ido embora. Aí os vizinhos começaram a me contar as histórias dela. Era

leviana mesmo. Então eu me agigantei mais. Fiquei com dois filhos, formei. Achei que ela traiu ela mesmo.

Hoje, Adão transa com uma mulher casada, mas não concorda muito com isso.

— Acho que ela deve se separar do marido ou deixar de me procurar. Pra continuar comigo, tem que deixar o marido. Eu gosto dela, mas não tenho nenhum direito de viver assim.

De um modo geral, a

mulher, devido a uma educação sexual repressora, aceita com mais passividade a infidelidade, embora cada vez mais estejam dando suas escapulidas. Afinal, dizem, todos têm o mesmo direito, ou seja, se o homem trai, a mulher também trai. Mas, verdade seja dita, não são muitas. A maioria ainda convive com o conceito de que ao homem são permitidos certos tipos de comportamento — como a infidelidade — rigorosamente proibidos às mulheres.

Doralice Mara dos Santos, 26 anos, balconista paulista, dá uma risadinha e diz que só abandona seu homem se ele trair demais.

— Quando trai só um pouquinho, não abandono não. Só quando vejo ele com duas, três mulheres.

Continua rindo meio sem jeito e diz que já foi traída muitas vezes, mas que não ficou nem um pouco chodada. E nunca traiu na vida.

— Prefiro ser traída — completa.

Alguns teóricos e teóricas do relacionamentos acham que a traição pode ser até um bom complemento para dar um molho especial às transações fixas. Sem ser uma teórica e sentindo na pele isso tudo, Marina Oliveira, 32 anos, funcionária de uma agência de turismo em São Paulo, diz que não gosta de "homem santinho".

— Acho que é até legal acontecer, a gente fica mais apaixonada. Você precisa de alguma coisinha, alguma empolgação. Eu acho que não existe traição. São as próprias pessoas que se traem. Eu acho que as pessoas precisam de um pouco de liberdade. Prender demais as pessoas faz mal pra elas. Eu acho que tem que fazer o que sentir vontade.

Natália, dona de casa pernambucana, também é conformada com esse negócio de infidelidade.

— O homem trai mais a mulher, mas isso é natural. É besteira a gente pensar que o marido é só da gente. É melhor se acostumar com a idéia de dividir ele com duas ou três. E defender o da gente porque senão ele vai embora. Ruim com ele, pior sem ele. Mas a mulher também trai, só que mais escondido. Eu mesmo, se encontrar um homem melhor que o meu, eu traio.

Parece mesmo que, pelo menos na classe média, as coisas estão se modificando um pouco. A advogada Kívia Maia Fragoso, especialista em Direito de Família, ouvida no escritório que divide com outras duas mulheres — Beatriz e Ana Maria — no Centro do Rio de Janeiro, dá sua opinião, baseada nos casos que vê no seu trabalho.

— A mulher de classe média não aceita mais a antiga tirania e busca uma relação de igualdade.

Mas reconhece que isso não acontece entre o povão e a burguesia.

— Nas classes sociais de menor poder aquisitivo, o problema é a sobrevivência e as pessoas se unem em torno do essencial, que é sobreviver. Não é possível questionar o comportamento do homem num nível crítico quando o problema é alimentar os filhos, conseguir trabalho, enfim, sobreviver. Com relação à burguesia, a infidelidade é encarada com mais leveza, a mulher é objeto, a família se une em torno do patrimônio. Nos casais de classe média ou inferior, o homem oprime em certo aspecto, mas também é oprimido. A mulher é quase sempre tratada de forma paternalista, machista, mas existe uma valorização da mulher, pelo menos enquanto mãe. Já na burguesia, geralmente, os homens são opressores em todos os níveis e têm com as mulheres uma

## Lula é tão fiel que dá pra desconfiar

Ao saber que a conversa era sobre infidelidade, o líder metalúrgico Luis Inácio da Silva, o Lula (34 anos, viúvo e casado pela segunda vez com Marisa, três filhos) foi logo dizendo:

— Põe aí, fiel à esposa.

Lula diz que a infidelidade depende do relacionamento do casal:

— Quando duas pessoas se dão bem sob todos os aspectos, principalmente sexualmente, não há razão para a infidelidade. Se houver, é safadeza.

Sua mulher já te traiu?

— Ela nunca me contou, pelo menos.

E se você soubesse, o que faria?

— Não sei qual a reação que teria, porque essas coisas vão muito de momento. Mas eu tentaria saber o que a levou a tomar tal atitude. Isso tem que ser entendido apesar da reação momentânea que eu possa ter. Acho que você deve exigir de você uma atitude que você gostaria que a pessoa tivesse, se você fosse o infiel. Como eu acho que, no meu caso, minha mulher deveria procurar entender minha ação, eu tenho por obrigação procurar, pelo menos, entender porque ela me traiu. Teria que reagir com ela, como eu gostaria que ela reagisse comigo. Vou discutir com ela, perguntar se ela gostou mais de transar com o cara do que comigo. Às vezes é importante a mulher trair a gente pra dar mais valor ao homem que tem.

Na sua terra, Garanhuns (Pernambuco), como a traição é encarada?

— Lá embora as pessoas se digam mais machonas, acredito que tenha muito chifrudo, porque isso sempre acontece.



Se eu trair Marisa, será por safadeza

Fotos de João Bittar

E você já traiu sua mulher?

— Nunca trai a Marisa. A pior coisa que pode acontecer a um homem é a traição, não só da mulher, mas qualquer tipo de traição. O choque é sempre muito forte.

Por que as pessoas traem?

— De uma coisa eu tenho certeza: a mulher procura outro homem só quando o seu não a satisfaz em algumas exigências básicas. Se o cara passa duas, três semanas se satisfazendo fora de casa, ele é o próprio culpado dos seus chifres. Como ele vai poder exigir fidelidade da mulher?

As oportunidades de traição pintam mais para o homem?

— O homem tem mais possibilidade de trair porque sai mais de casa, tem contato com mais pessoas. Mas para a mulher que trabalha fora pintam mais oportunidades porque recebem mais cantadas. Dentro do meio em que convivo, as

mulheres são mais atiradas que os homens.

E você canta?

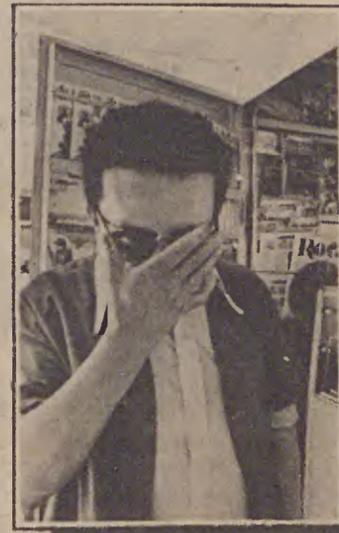
— Me considero um cara tímido. Em toda minha vida nunca cantei uma mulher. Se alguma vez na vida aconteceu, é porque deu certo. Desde solteiro sinto dificuldade de cantar uma mulher.

Existe homem fiel?

— Existe, mas a grande maioria, se tiver oportunidade, chifra mesmo. E tem duas razões para isso. A primeira é por não ter o que procura em casa, a segunda é por vaidade: o sujeito fica muito orgulhoso de mostrar para os colegas e amigos que conquistou uma mulher.

Você diz o tempo todo que é fiel à Marisa, por que essa fidelidade toda?

— Marisa preenche todos os requisitos de uma mulher. Ela é boa mãe, excelente dona de casa e uma extraordinária companheira. Se algum dia eu traí-la será mais por safadeza do que por necessidade.



Adão transa com uma mulher casada. Não gosta da situação: acha que ela deve deixar um dos dois.

Fotos de Wagner Avancini



Doralice não abandona o cara que trai "um pouquinho". Só briga se o vê com duas, três mulheres.

# É besteira a gente pensar que o marido é só da gente

terrível relação de compra e venda. A mulher burguesa é condicionada a buscar um "bom" casamento e a aceitar seu papel de objeto decorativo.

Dentro dessa discussão de igualdade e divisão entra em cena a atriz Louise Cardoso, a Vânia da novela Marron Glacê.

— Quando você está com um cara, não tem nada a ver esse compromisso de não poder transar por fora. Não aprovo essa imposição do meu sexo ser só dele e o dele só meu. Ninguém pertence a ninguém e faço do meu corpo o que eu quero. O relacionamento tende a se deteriorar com essa tentativa de castração, porque a gente sempre sente vontade de fazer o que nos proibem. Às vezes, uma terceira pessoa pode surgir rápido sem abalar a transa anterior. E se pintar mais forte, aí você faz a troca. Tive um cara por um bom tempo e só pensava nele. Um dia, pintou outro e nós transamos. Como o primeiro caso já estava desgastado e esse cara pintou forte, eu fiquei com ele. Antes bati um papo com o ex e chegamos à conclusão de que a terceira pessoa tinha vindo para definir a nossa situação, que já não estava boa. Veio para fazer um bem.

Na maioria dos casos, o homem brasileiro parte para o relacionamento extra-conjugal apenas por um aquestionamento de machismo, para mostrar aos amigos — e satisfazer sua onipotência — que pode comer quantas mulheres quiser. Isso é mostrado, inclusive, por Délcio Monteiro de Lima em seu livro *Comportamento Sexual do Brasileiro*. A "afirmação de masculinidade" é responsável por 47% dos casos de infidelidade; depois vem o "desajustamento sexual com 28%" e "fuga à rotina sexual" com 25%. Mas com as mulheres a coisa muda radicalmente, pois 85% dos casos de infidelidade são causados pelo desajustamento sexual com o parceiro.

Manoel Messias da Silva, 27 anos, corretor de imóveis



A advogada Kivia não aceita mais a tirania do homem

típico do machista e não esconde isso.

— Se o homem for traído pela mulher, a mulher tem que abandonar ele. O homem tem direito de trair a mulher, a mulher não. O homem deve ser livre, a mulher não. Os direitos da mulher têm que ser limitados porque a mulher tem sempre que ser inferior ao homem. A mulher tem que ter um homem só. Afinal, pô, o homem é o chefe mesmo.

Devanir Ribeiro, 35 anos, metalúrgico, casado há 13 anos, diz que já perdeu a conta "das puladas fora".

— Fidelidade é coisa do passado, tanto pro homem como pra mulher.

**Você já discutiu suas traições com sua mulher?**

— Não porque ela me mata, nunca vai aceitar.

**E se você fosse traído?**

— Isso eu já discuti com minha mulher e combinamos que a gente vai procurar analisar o porquê, descobrir a causa da infidelidade.

**Por que o homem trai mais?**

— O homem tem mais chance porque vive mais fora de casa. A maioria das mulheres passa o dia brigando com os filhos e cuidando da casa e nem tem tempo para pensar nessas coisas. Por isso que eu digo que não existe mulher fiel, e sim mal cantada. Tá o perigo da mulher trabalha fora. O homem é filho da puta mesmo e na primeira oportunidade ele vai em frente. A mulher não, é

em São Paulo, é o exemplo mais fiel, se segura mais. Ela só trai por vingança ou quando o marido é impotente.

Antônio Carlos dos Santos, pintor de automóveis, divorciado, disse que traiu todas as mulheres que teve até agora. Mas admite que a infidelidade acabou com o seu casamento.

— A infidelidade gerou alguns conflitos, minha mulher não agüentou e eu não agüentei o ciúme dela.

E Antonio Carlos da Silva, 23 anos, auxiliar de escritório em São Paulo, define tudo.

— O homem tem a natureza de trair mesmo.

## Caso de Lidia Brondi quis ser chifrado

Em depoimento ao livro de Décio, o advogado carioca Haroldo Lins e Silva, especializado em Direito de Família, declara que "o adultério é a causa primeira na gradação legal dos motivos que autorizam a ação dos desquites. Justifica a sua posição primeira por se constituir no mais sagrado dos deveres impostos pelo casamento. Para quem milita no Direito de Família, é inegável que o adultério é responsável por um grande número de desquites".

Com o que não concorda a advogada Kivia, também especialista em Direito de Família. Ela diz que "não é o adultério que causa separação alguma".

— Quando ocorre esse tipo de violação dos chamados deveres do casamento, a relação já terminou há muito tempo, sendo então usada essa infidelidade para que se obtenha a separação. Isto porque, se a separação não for consensual, só pode ser conseguida unilateralmente se alegados fatos "graves" que se configurem em violação dos deveres do

## Empresário de 60 anos: sou corno sim

Um empresário da alta sociedade paulista, sessentão e que pediu para não ser identificado, dá o seu depoimento sobre a traição.

"Sou um sessentão boa pinta, gosto de mulheres. Vim de uma geração romântica que dançava e encoxava mulheres, o máximo que se podia fazer.

Fui um terrível inimigo da traição, inclusive não concordando com a bondade de Cristo, que perdoou a adúltera.

Com o decorrer do tempo, as mulheres me ensinaram que a gente tem que se acostumar com a traição. Fui traído. Adaptei-me à nova onda, onde a traição não tem nenhuma importância. Ser corno dói para o machista e eu não sou mais machista. Quem não cornea quem?

Além de corneado nas minhas transas, considero-me o mais corneado do mundo, pois amo todas as mulheres bonitas deste mundo louco e todas elas dão para outro e não para mim.

Cenas de ciúme, crimes passionais, isso tudo já era. O importante num relacionamento é que a mulher da gente dê pro outro, mas que volte ao ninho antigo. Isso dá uma sensação de "gostoso". Ela não encontra lá fora o que eu posso dar numa cama. Aprendi isso durante um longo período de vida, após muito sofrimento e muito ciúme. Corneio as mulheres, mas sei que elas corneiam muito mais os homens.

Se na minha idade eu não me acostumassem com o que vai por aí, eu estaria parado no tempo e viveria em constante sofrimento. Pouco se me dá se me corneiam. Não procuro nem saber. Posso garantir que vale o velho ditado: quem procura, acha"



Procuro consertar o que não está bem para não precisar de outra pessoa

casamento ou conduta considerada desonrosa.

Essa é mais ou menos a idéia da graciosa Lidia Brondi, a Renata da novela *Os Gigantes*, por quem Fernando (Tarcísio Meira) morre de paixão.

— Infidelidade, pra mim, equivale a uma má relação. Geralmente, se joga a culpa só em quem trai, mas se houve infidelidade é porque a relação estava ruim. Aí, é o caso de se conversar e ver o que está faltando na transação, porque a traição decorre de carência. Eu procuro consertar o que não vai bem para não precisar

transar outra pessoa em busca de solução. Mas admito que, às vezes, essa busca de resposta é necessária para definir a situação desgastada. Eu sei que é difícil para alguém admitir que você vá buscar soluções com outro cara. Nesses momentos, você tem que ser fria e racional para não deixar o ciúme estragar tudo de vez. Eu já tive um caso em que não havia abertura de diálogo e que me obrigou a transar com outro cara para depois terminar a relação. Não foi nem preciso dizer que havia ido com outro, porque a sensibilidade se encarregou de deixar as coisas claras.



Louise Cardoso, atriz, não aceita compromissos de exclusividade

# Lady Francisco

## come todo mundo

Ouvida pelo repórter Ricardo Faria, na TV Globo do Rio de Janeiro, a atriz Lady Francisco (Leonora da novela Marron Glacê) resolveu escancarar, dizendo que todo mundo trai. Abaixo, seu depoimento.

"Eu não acredito em traição física, mas em traição de sentimentos. Já amei profundamente um cara que, inclusive, era minha grande paixão na cama. Mas quando eu viajava e encontrava um outro que me dava tesão, na hora, discretamente ou não, porque não devo nada a ninguém, eu o comia, sem deixar de amar o que ficou em casa. Essa necessidade fisiológica não é traição. Agora, se o meu cara procurar uma outra mulher várias vezes, eu fico puta da vida, porque já está virando amor. Isso já é sacanagem nio duro. Eu acho que sexo não tem nada a ver com amor. É claro que é muito melhor

transar com quem se ama. Mas sem amor se faz tranquilamente, e é gostoso também. Sem amor, eu transo o cara uma vez só. Descobri tudo, investigo e perco o interesse logo depois. Quando tenho tesão, quero comer o cara na mesma hora. Se começar a enrolar, fico irritada e não quero mais. Gosto de me satisfazer no momento exato do tesão. Ter um cara e transar com outro, só por necessidade, sem amor, não é traição. Isso, nós todas fazemos. Eu ponho a mão no fogo como todo homem ou mulher já fez isso. Seja mentalmente, por telepatia, carta, telefone ou ali mesmo, no motel, entrando agachada no carro para não ser vista por ninguém. Mesmo aquelas com 50 anos de casadas, por um momento ou de alguma forma, já traíram o marido. Em linguagem popular, todo mundo é corno. Até aquelas beatas, que vivem na igreja, já tiveram os seus pensamen-



Foto de Chiquito Chaves

Quando tenho tesão, quero comer o cara na hora

tos. O problema é que elas não têm a coragem, que eu e meia dúzia de mulheres temos, de dizer isso. Toda mulher já teve vontade de experimentar outra pica diferente da que o marido lhe dá. Elas escondem, porque o marido traído é um saco. O brasileiro tem dois grandes medos: um é ser traído e o outro é perder a potência. A mulher, desde menina, é educada sabendo que um dia seu marido verá uma bundinha mais bonitinha e irá atrás, mesmo que a cara não tenha nada a ver. Eu vivo quase sem homem fixo, porque não admito traição com amor. O último que fez isso, se deu mal. Eu quebrei a cara da outra e a dele. Dei

porradas nele em pleno aeroporto interditado, com um monte de gente em volta. Hoje, tenho saudades sexuais dele. Já tive outros caras que eu não sentia nada. Aí, nem me importava de ser traída. Pode ir, porque não vale nada e é uma porcaria mesmo. Gostaria de estar sentindo ciúmes de alguém, agora. Mas procuro me controlar, porque sou muito possessiva. Não tenho mais saco para fazer joguinho e reconquistar o meu homem. Sinto-me muito garotona e gostosa para me apurrinhar adulando e lambendo pé de homem. Agora se encontrar um cara que me aceite como sou, aí vai ser ótimo.

## SUJEIRA

• Estamos mal. Desde a absolvição do Doca Street, todo corneado pode usar uma arma pra "lavar sua honra". Se a própria Justiça aceita o argumento da defesa, por que não? E não foi só a Justiça. Fora os poucos protestos, houve até mulheres que gostaram da atitude do machão. Pro REPORTER, isso é a maior sujeira. Ninguém pode matar porque o parceiro deu pro outro. Pode-se conversar, abandonar, esquecer. Na reportagem que publicamos, muitas pessoas revelam opiniões mais sensatas, e é pra elas que damos a maior força. A chamada traição não é o fim do mundo; muitas vezes é só uma procura sem fim da felicidade sexual.

## Jovens corneados são pela "tortura verbal"

A repórter Maria José Arroio ouviu jovens estudantes, bolsistas, artistas em começo de carreira e as promessas do jornalismo paulista, que freqüentam o badalado "Bar da Terra". São todos ciumentos, mas jamais teriam coragem de dar o típico soco no olho de suas namoradas, casos ou mulheres. Preferem o que eles chamam de "tortura verbal".

É o caso de Mário Moreira Leite, 26 anos recém completados e fotógrafo profissional. Marinho ficou casado, de "papel e tudo", durante um ano e meio e no fim do casamento pintou a traição. Mas a sua atitude mais drástica foi reclamar que ex-mulher não deu a descarga no banheiro ou que apertou o tubo de pasta de dente no meio. Ele conta:

— Quando pinta a crise de ciúmes, a gente agride a pessoa na transa do cotidiano. Então reclama dessas coisas, como apertar o tubo de pasta de dente no meio. Até a traição é melhor do que isso. A violência é barra pesada. Pintou violência, eu saio. Violência, só verbal. Mas Mário admitiu a

traição só porque foi fim de casamento. "Já era uma transa dispersa", explica. Foi assim: numa passagem de ano, sua mulher foi viajar sem ele e, na volta, a trágica notícia. Mas nem tão trágica assim, já que a única reação de Marinho foi um lacônico "é mesmo?"

— Mas se não fosse fim de caso eu ia ficar puto, não totalmente puto, mas ficaria puto. Não pode acabar a transa por causa disso, tem que haver um controle. Se trai, você tem culpa. Se é traído, tem que cobrar essa culpa.

Mas isso já faz parte do passado. Sentado na mesma mesa estava um dos "ex-rivais" de Mário, Cláudio Alves Marcondes, 23 anos, tradutor. Um dia, ao chegar em casa, cansado, louco pra dormir, Mário encontrou sua mulher justamente com o tal Claudinho. Agora, na mesa do bar, eles chegaram à conclusão de que "entre amigos, pode", Cláudio fala:

— A infidelidade é jogar sujo. Não existe traição. Quando você faz amor com alguém é um grau de intimidade que qualquer ruptura é sentida, percebida ou não. Traição é marcar e



Foto de Mário Moreira Leite

Kazumi ganhou chifre. Foi uma barra

marcar é não perceber o que acontece. A única traição é olhar nos olhos da pessoa com quem você entrou nesse jogo e perceber que não existe mais.

Deixando a teoria de lado, Cláudio confessa que ficou numa grande "crise existencial" quando descobriu que sua primeira mulher estava tendo um caso com outro. Mas depois relaxou:

— Eu virei amigo dele por causa disso. Achei que se ela estava tendo intimidades com outro, esse cara deveria ser uma pessoa ótima.

Mas sua mulher, com quem foi casado durante dois anos, não gostou muito quando a história se inverteu. Cláudio foi transar uma amiga na sua frente. Depois de ficar mal vários dias, ela e Cláudio chegaram a um acordo: "Se tem um puta tesão por outra, tem que transar, mas não na frente".

Acordo feito, casamento acabado. Por isso, hoje, o jovem tradutor mudou o conceito de traição.

— Traição é cruzar com a minha ex-mulher e ela me cobrar grana. É coisa de burguês.

Meia hora de papo sobre infidelidade e no "Bar da Terra" já não se falava em outra coisa. Num canto, um casal discutia, calmamente, mas discutia. Ele, com cara triste e de desconsolado. Ela séria, porém bem humorada. Pois é, eles falavam justamente da última traição dela, que pôs fim ao casamento.

Kazumi Manakata, 28 anos, bolsista, não se conforma até hoje, já alguns meses passados, com a pulada de cerca de sua mulher Luiza, 27 anos, professora. Quando Kazumi começa a contar o que para ele "foi uma barra", a ex interrompe:

— Péra aí, depende o que você chama de traição. Pra mim, traição é quando é às escondidas.

Abatido, Kazumi começou a revelar coisas que nem sua mulher sabia e que classificou de "um horror". Aqui vai:

— Comecei a ficar grilado quando a gente ia em festas e ela ficava com outros caras. Mas ficava mais grilado ainda quando via que o outro era um páreo para mim. Sou passivo, ficava só olhando, mas puto da vida.

Luiza se defende:

— O que você considera um páreo? É quando trepa? Porque antes teve uns casos de envolvimento emocional sem trepadas, mas que no final eram mais importantes do que os outros.

— É quando o outro é um puta homem — responde Kazumi.

Por essa Luiza não esperava. Do alto de seu liberalismo, ela dá a sua versão:

— O ciúme existe, mas novas experiências são uma forma de melhorar o relacionamento. Se o caso fosse ao contrário, eu aceitaria. Mesmo sofrendo, não tem nada que cobrar.

Ele não concorda. E assim que saio da mesa ela continua na batalha para convencê-lo de que, no final da história, lavou, ficou novo.



## Ela sai com a esposa de outro

Ferro's Bar, na rua Martinho Prado (SP), ponto de encontro de mulheres homossexuais. Numa das mesas, discutimos a traição e Marlene, uma moça loura, óculos coloridos enormes, vez por outra palitando os dentes, foi a escolhida pelo grupo para falar.

— A traição só existe quando a pessoa é pobre de espírito. Pobre de espírito não tem nada a ver com a pobreza material, pobreza de dinheiro. Uma pessoa evoluída sempre perdoa, mesmo que seja uma traição.

Quando a pessoa deixa de traír?

— Ora, quando ela cresce interiormente. Você sabe o que é espiritualismo? É a evolução do espírito, que evolui através da reencarnação.

Você já traiu?

— Confesso que essa é uma pergunta difícil para se responder.

Já foi traída?

— Já. Eu era menos evoluída. Senti ódio e revolta, mas depois senti pena por ser tão pobre de espírito. Ainda sinto pena, pois vejo que aquela pessoa é um irmão que está vários graus abaixo de mim.

Lúcia é pequeninha, tem cabelos curtos, se veste como homem. É uma lésbica assumida, não esconde a sua condição e acha que todo mundo devia transar numa boa, sem esconder a predileção sexual:

— Acho que traição é, em primeiro lugar, prender muito as pessoas. Por outro, demonstra falta de amor.

Você já foi traída?

— Por duas vezes, e nas duas me senti arrasada. As garotas me deixaram assim, bagunçaram a minha cabeça. Acho que estou exagerando um pouco no segundo caso, nessa vez eu fui mais forte para agüentar. Mas tudo bem, esqueci, procurei outra pessoa.

Já traiu?

— Nas transas que tive já fui infiel. Me arrependi depois, mas acho que foi um modo de me sentir realizada. De me sentir bem. A vida é assim. Temos que dar amor a quem tem.

E atualmente?

— Sozinha. Curtindo a vida. Sem ninguém e com todo mundo ao mesmo tempo. Sentimentalmente? Procuro ser carinhosa, sempre ao máximo. Sexualmente? Acho que é um pouco agressivo, não aquela milongueira.

Geralmente tive transação com mulher casada; outras souberam disso e me usaram como cobaia, como experiência.

Como é que é a transação desse tipo?

— Acontece no ambiente de trabalho, na escola, na sua própria casa. Quando se é casada é difícil a gente transar, é tudo feito escondidinho. Tenho a uma transação com uma mulher casada, saímos todas as tardes. O marido não sabe, nem deve saber.

Rosana, 18 anos, motoqueira, faz ponto no Cachação, na rua Martinho Prado, onde as mulheres só querem papo com velho, "são eles que soltam uma grana firme na mão da gente só pra ver a gente se roçar".

— Já fui traída sim. Fiquei com raiva, senti raiva, mas tudo bem.

Você já traiu?

— Se você tá com uma pessoa e sai com outra isso é traição? Então eu já traí sim. Mas me lembrando bem acho que não é nada sólido. A gente, quando começa uma transação com uma garota, nunca sabe se vai terminar amanhã, se depois, se nunca na vida...

Então porque a encucação?

— Sei lá. Acontece com todo mundo. Você sente dor, sente raiva, mas vai ver é só isso. É mais fácil acabar com tudo. Traição, afinal, é de homem com homem, mulher com mulher, até entre bichos pinta traição.

## Quando não amo ninguém transo a mil

"Existem dois tipos de infidelidade: a de sexo e a de cuca. O problema da infidelidade é um critério moral que não tem nada a ver. Ninguém é infiel por natureza, a não ser que tenha um desequilíbrio qualquer, decorrente de uma relação carente. Aí, ou você cura o desequilíbrio ou assume as conseqüências que ele traz. Quando se ama de verdade, duvido que se

cometa traição. Você fica tão ligado, que pode pintar a gatinha mais linda que você não pensa em transar. Eu sou assim, - embora muita gente ache que amar profundamente seja algo ridículo. No Brasil, as leis são muito influenciadas pela religião católica e proibem a infidelidade conjugal. Todo mundo sabe que a lei existe para não ser cumprida. Por isso é que se trai tanto aqui. Agora, quando não estou amando ninguém, eu transo a mil sem me preocupar com nada."

Denny Perrier, ator



Fotos de Chiquito Chaves

Quem me ama, acaba entrando na minha

Infidelidade não tem nada a ver com corpo, mas com a mente. As pessoas não entendem essa minha divisão. O corpo você pode transar com mil pessoas e a cabeça você transa com uma só, que é importante para você. Com as mil, você parte, depois do orgasmo, sem guardar lembranças. Com a uma, você fica junto e amando depois de gozar. As normas morais não me dão razão, mas quem me ama acaba entrando na minha.

João Paulo Adour, ator



## Infidelidade é uma coisa maravilhosa

"Eu sei que vou ficar mal visto com essa declaração, mas sou partidário dessa coisa maravilhosa chamada infidelidade. Sem ela, a vida não teria a menor graça".

Castro Gonzaga, ator.

**ASSINE O JORNAL QUE NÃO TEM MEDO DE ASSINAR EMBAIXO.** BASTA LIGAR PARA 253-6038 OU MANDAR PELO CORREIO O CUPOM ABAIXO

## Assine REPORTER

### CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 250,00  
— Envie cheque nominal ou vale postal para:  
MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.  
Rio de Janeiro: rua Miguel Couto, 134 conj, 1101/1104 20000 RJ  
Você pode assinar o REPORTER, a partir do nº 0  
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.  
Nome: .....  
Profissão: .....  
Endereço: .....  
CEP:..... Cidade:..... Estado: .....



**Enquanto o Projeto Jari continua sua tarefa de colonização e ocupação da Amazônia, enriquecendo ainda mais seu proprietário, o norte-americano Ludwig, os peões curtem a miséria e a prostituição do Beiradão**



# Favela da Jari vive só da prostituição

Reportagem de Najar Tubino e Caco Schmitt.  
Fotos de Zhé Netto.

— Ô Helena, conta a tua história pra ver se a Janete Clair se emociona:

— O meu pai trabalhava na Jari. Agora nem sei onde ele anda. Aí eu vim de Belém porque a zona daqui dá mais dinheiro e umas amigas tinham me falado. Cheguei e fiquei trabalhando de peruca pra ele não me reconhecer. Um dia, o coroa veio na boate e me tirou pra dançar. Tava meio bêbado e não me reconheceu. Depois, quis ir pro quarto comigo. Aí eu tirei a peruca e perguntei se ele não estava me reconhecendo. O velho se assustou, botou a mão na boca e saiu correndo. Nunca mais apareceu no Beiradão.

Isto não é uma "cascata" e nunca apareceu num caso especial da Globo. É apenas a história de Helena — ou Suzana, seu nome de guerra —, 18 anos de idade e prostituta desde os 15 anos, agora integrando o quadro de duas mil mulheres que vivem de prostituição nessa cidade. Que cidade? O Beiradão, até hoje apresentado como uma "grande favela sobre palafitas", na beira do Rio Jari, no lado do Território Federal do Amapá, em frente a Monte Dourado, capital do Projeto Jari. Na verdade, esse amontoado de seis quilômetros de palafitas, dentro da

propriedade do bilionário norte-americano Daniel Keith Ludwig, com 82 anos, é a capital brasileira do Projeto Jari. Em 10 anos tornou-se a segunda cidade do território e a primeira em crescimento populacional, pois já está com 10 mil habitantes, mais de 2.300 casas e uma renda per capita de Cr\$ 1 mil.

Ela nasceu em função de duas necessidades: dar moradia para os trabalhadores da empresa e servir de zona para milhares de peões que vivem dentro da mata e periodicamente visitam a cidade. Nessa região moram 35 mil pessoas. Somente trabalhadores fixos da Jari são 7.350, sem contar a Sasi (empresa criada pelos americanos para recrutar mão-de-obra), que coloca em média dois mil homens por ano, e os 21 empreiteiros que abastecem de peão o projeto. Os gatos, como são conhecidos os empreiteiros, trazem os peões do interior do Maranhão, principalmente nos municípios de Santa Inês, Pinheiros e Boa Vista, para realizar o serviço de corte de madeira, limpeza da plantação e desmatamento. É o maranhense que movimenta o projeto, forma a base da mão-de-obra e sustenta a zona de Mr. Ludwig.

— Efetivamente é um



O delegado do Beiradão

negócio que me chocou muito. Na nossa reunião do Projeto Jari cobrei da direção uma melhor assistência. Eles alegam que é terra de marinha, mas de marinha não é da Marinha. Aquela parte toda é do projeto... Aquilo lá até que é bem montadinho. As águas não entram em casa. O ministro Andreazza, acostumado com o Rio disse que parecia Copacabana e as favelas.

O governador do Amapá, Anibal Barcellos, carioca de 61 anos, nascido em Campos, ficou conhecendo o Beiradão apenas em julho passado, quando esteve com o ministro Andreazza no projeto. Como todo mundo, ele também acha que o Pará ficou com o filé mignon e o território com a carne de pescoço, pois ao

invés de receber investimentos do milionário segurou a barra do Beiradão e do Beiradinha, uma outra favela de três mil habitantes, a 15 quilômetros rio abaixo. Esse povoado surgiu em consequência da fábrica de celulose, que triplicou a população em dois anos (em 77 eram 203 casas e 718 habitantes; hoje são 800 casas e três mil pessoas). E, como o Beiradão, o Beiradinha vive de prostituição, com 10 boates e 300 prostitutas.

— Tinha uma ordem de não construir, mas eu comprei uma velha padaria e comecei a reformar. Aí veio a ordem do doutor Moura (advogado da Jari) pra derrubar. Peguei minha espingarda, enchi os bolsos de bala e fiquei esperando. Vieram 20 homens

da Segurança da Jari e um comissário, dos muitos que ela comprou. Que me lembre eles derrubaram umas cinco casas, mas da minha ficaram a uns 20 metros. Não vieram!

O valente cearense José Vieira, de 76 anos, um dos primeiros moradores da área, acompanhou desde o começo o crescimento do Beiradão. Até 74 os americanos usaram de todas maneiras para acabar com o povoado que os brasileiros construíram na margem do rio. A primeira vez, em 68, a companhia derrubou algumas das 10 casas existentes e, na segunda, em 74, quando já havia 400 casas novamente parou na resistência de Zé Vieira, hoje administrador do único posto de gasolina do lugar.

Enquanto os primeiros moradores resistiam para manter o povoado, Francisco dos Santos, conhecido por Azulão, trouxe as primeiras quatro prostitutas. Além disso, começou a primeira linha de barco, entre Macapá e Monte Dourado, abriu a primeira boate e construiu a primeira pensão. Das mulheres trazidas em 69 lembra até dos nomes: Mariazinha, Ambrósia, Paulina e Seringueira, assim conhecida por ter o corpo bastante cortado.

— Elas começaram a trabalhar e nem casa tinham.



O Beiradão, suas boates, as prostitutas, a diversão dos peões. Na última foto, Ludwig, enriquecendo mais ainda à custa disso tudo.

Moravam em rede atada no pau e depois botavam palha por cima.

Na região, arraial é sinônimo de festa. E os velhos castanheiros e siringueiros da Jari, ainda vivendo o tempo do extrativismo, classificam desse jeito o Beiradão. Uma festa que nunca termina. Durante o dia, até às 22 horas, o movimento do comércio é grande. Daí em diante, as boates entram em funcionamento e avançam pela madrugada.

Durante o dia, um comércio maluco, lado a lado, vende eletrodomésticos com pastel, peixe frito, pedaços de galinha, pão, cerveja e cachaça. Ao todo, 400 estabelecimentos comerciais, dos quais 80% mexe com bebida alcoólica; mais cinema, joalheria, barbeiro, dentista, advogado, dois cursos de inglês, um templo da Assembléia de Deus, funcionando ao longo do trapichão de 1,5 km, que forma uma espécie de centro da cidade.

Pelas oito horas da noite, as mulheres vão se posicionando no trapiche, em frente às boates. E logo em seguida começam a chegar os peões, do interior da mata, de Monte Dourado, cruzando o rio em lanchas a motor, conhecidas como catraias. Boate é que não falta pra escolher. Em toda beira se vê luzes coloridas, roxas, vermelhas, verdes. Aqui qualquer casa é transformada em boate; basta arranjar algumas mesas e cadeiras, reservar espaço para uma pista de dança e servir cachaça e cerveja, e pronto. Desse tipo, o Beiradão tem perto de 100, mas as maiores são a Real, no chamado Brega, numa das pontas do trapichão; e do Japonês e a do João Maranhão; no centro, e a Santarém. O Brega tinha show de strip-tease e de travesti, e tem a fama de ser o mais barra pesada, por concentrar o maior número das boates. Num sábado é comum se encontrar mais de 30 peões dançando discoteque no salão. Na madrugada os peões

andam bêbados pelo trapiche. Entre as casas, nos corredores tipo de favelas, ficam os quartos das prostitutas, e por ali mesmo o cara se esconde para dar uma mijada, porque não tem banheiro em nenhum lugar. Só tem na boate do Japonês, local preferido dos gringos por causa da melhor qualidade das mulheres.

Cada "prosti" tem um acordo com o dono da boate. Pode pagar a bebida depois e tal, mas sempre precisa estar à disposição. Raimundinha gosta de becar bem, usa bota, tava com um vestido de 750 cruzeiros e acabou se endividando. Agora não consegue se mandar:

— Eu tô querendo saltar fora. Mas tô devendo 2.495,00 na boate do Alfredo. E se eu não pagar não posso sair. Aqui é assim. Saí lá do Alfredo porque não güento isto, não me submeto. O corpo é meu, vendo onde eu quero. Agora tô aqui, mas quero juntar dinheiro pra ir embora. Preciso ver a família, visitar os filhos.

Raimundinha quer voltar a Belém para ver os dois filhos, mas morre de medo, porque se fugir num barco o Alfredo manda a polícia dar um jeito nela. Outra bronca é entre as próprias mulheres. É que as "livre-atiradoras", mulheres que não têm vínculo com nenhuma boate, "roubam" a freguesia das outras e isso tem provocado muita reclamação.

A maioria delas está vindo de Manaus, mas os grandes fornecedores são os municípios da região; entre eles Afuá, Almeirim, Santarém, Belém, Macapá e, de fora, os Estados de Goiás e Minas Gerais.

Um outro grande problema da região são as doenças venéreas. Em Monte Dourado, o diretor do hospital da Jari, o peruano Jorge Valdivia, diz que aparecem mais de 150 casos por mês. E nos primeiros cinco dias de funcionamento do Posto Médico do Beiradão, o enfermeiro Raimundo Gomes Monteiro terminou com seu estoque de Benzapen, Penicilina Benzatina, Sulfalen e Eritromicina, remédios usados no tratamento da gonorréia.

Mas a precariedade das condições de saúde do Beiradão não se resume a estes casos. O negócio é mais sério. Toda a população continua usando a água do rio Jari, completamente poluída, pois as 10 mil pessoas despejam as suas necessidades no rio

Não é à toa que das 44 crianças atendidas pelo enfermeiro num dia, a maioria apresentava sintomas de diarreia e verminose. Nos mesmos cinco dias de funcionamento do posto, ele distribuiu 100 vidros de reidratante e 100 vidros de Elixir Paregórico, para tentar solucionar o grande número de casos de diarreia e verminose.

Mesmo assim o sub-prefeito, Evilásio Pedro de Lima Ferreira, declara o seu espanto:

— O Beiradão é o lugar mais abençoado do mundo. Vive todo mundo nesse amontoado louco e não tem doença. Só verme.

É muita confusão. Aliás uma situação fácil de se explicar. Numa temperatura média de 35° o consumo de cachaça durante um mês, somente no supermercado Beira-Rio — um dos maiores — chega a 400 caixas, segundo o proprietário Francisco Araújo. O sub-prefeito completa: "no tempo que eu era comerciante aqui, vendi 900 caixas de cerveja em apenas um dia".

O delegado José Maria Frano, há quase um ano no cargo e louco pra cair fora, diz o seguinte:

— Aí fora todo mundo acha que isto aqui é uma praça de guerra. Mas é quase...

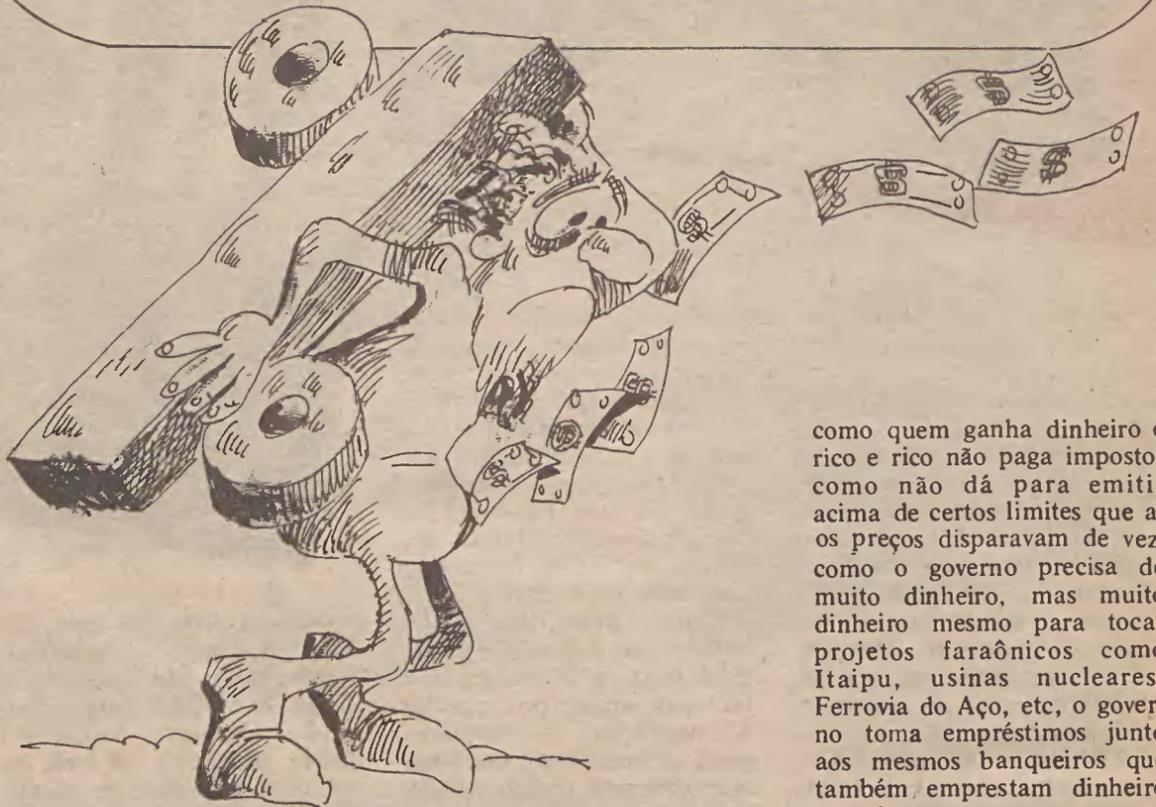
No primeiro semestre do ano passado aconteceram nove homicídios, entre as 120 ocorrências mensais, a maior parte de lesões corporais e pequenos furtos. Frano critica a Jari:

— Eu já falei pro chefe da segurança deles que a Jari é responsável pela morte destes





# A CULPA DA INFLAÇÃO É DO GOVERNO



Empréstimos baratos para os ricos e empréstimos caros para os pobres. Especulação financeira, com dinheiro do governo, pra enriquecer os banqueiros. Dívida externa pra comprar petróleo e aumentar as remessas de lucros das multinacionais. Estas são as principais causas da inflação no país, que chegou a 100%. A culpa é da política do governo.

Texto de Marcos Dantas

**I** não dá para entender. O governo tem tanto poder, tem tanto poder e nunca consegue segurar a inflação.

— E não vai segurar nunca enquanto não agir sobre as verdadeiras causas da inflação.

— E quais são elas?

— Tantas: a especulação financeira, a dívida externa, os monopólios, os subsídios ao grande capital...

— Ei, pera aí. Assim não estou entendendo nada. O que é especulação financeira? É jogar na Bolsa?

— Não é só na Bolsa. Tem uma porção de papéis com os quais se pode especular. Nêgo especula até com caderneta de poupança...

— Como? Até que eu, vez por outra, boto lá meus cem cruzeiros e nunca consegui especular com nada.

— Você não, é claro. Mas tem gente que põe alguns cem milhões para ganhar com correção monetária e juros, sabendo por na hora certa e tirar na hora certa para ir ganhar dinheiro noutra lugar.

— E como é que se ganha esse dinheiro?

— Bem, aí a gente começa a entrar na história da inflação. Vamos a um exemplo: um industrial inventa uma empresa qualquer e convence o governo da importância de sua empresa que, por isso, merece crédito subsidiado...

O que é crédito subsidiado?

— É o seguinte: se você for pedir um empréstimo num banco, o banqueiro vai lhe cobrar, pelo empréstimo, a correção monetária e o maior juro que ele puder. Como a correção monetária anda pela casa dos 60% e o maior juro

que pode ser cobrado é 12% ao ano, esse empréstimo vai custar a você 72%. Por exemplo: você vai ao banco e pede um empréstimo de cem mil cruzeiros para comprar um carro. O banco vai lhe cobrar 72% por esse empréstimo, ou seja, você, que pediu cem mil terá que devolver 172 mil. Entendeu?

— Quer dizer que eu vou dá um duro danado no trabalho para pagar a um banqueiro que fica no bem bom de seu ar condicionado quase o dobro do que ele me emprestou?

— É por aí. Mas o industrial faz diferente. Ele pede cem milhões ao governo com juros subsidiados. Isso quer dizer que a correção monetária será menor e os juros quase nulos. Digamos, 20% de correção monetária e 2% de juros. Então, ele terá que pagar ao governo 122 milhões de cruzeiros pelo empréstimo. Ele pega esse dinheiro e, ao invés de montar a tal empresa, ele chega naquele banco que emprestou dinheiro a você a 72% e pergunta quanto o banqueiro pagará pelo dinheiro dele. Aí o banqueiro diz, digamos, 60%.

— Como é que é? Ele dá o dinheiro pro banqueiro e o banqueiro paga por esse dinheiro que ele tomou do governo muito mais do que o governo cobra?

— Isso mesmo. O banqueiro oferece ao industrial uma porção de papéis que podem se chamar CDBs, ORTNs, LTNs e outras letras exóticas. O que existe de papel para especular dá para fazer um alfabeto. O industrial que devia 122 milhões ao governo, recebe 160 milhões do banqueiro. Com isso, ele

faz a fábrica, paga o governo e ainda embolsa 38 milhões numa boa para gastar com iates, mulheres e boates.

— E cocaína, também, né?

— Da boa. Da boa.

— E o banqueiro faz o que com esse dinheiro?

— Empréstimo pra você, pra mim, pra quem tá fudido pelos 72% que eu lhe falei.

— Nessa história, só quem não está ganhando dinheiro é a gente.

— Pior, a gente perde dos dois lados porque de onde é que você acha que sai o dinheiro do governo para substituir o industrial?

— ?  
— Dos impostos que a gente paga.

— Pelo menos, resta um consolo: o industrial também paga imposto...

— Engano seu. Quem tem dinheiro usa o que eles chamam de incentivos fiscais e não paga impostos de renda nunca. Assalariado é que paga porque desconta na fonte. Nesse país, só quem paga imposto é assalariado. Isso é rigorosamente verdadeiro, as estatísticas provam.

— Mas isso é uma sacanagem!

— Se fosse só isso.

— Tem mais?

## 2

Claro, isso é só o começo da história da inflação. O governo subsidia tudo, a indústria, a agricultura, a

exportação, a importação. Na agricultura, então, chega a ser escandaloso: não tem nem correção monetária. O próprio governo acabou descobrindo que a maior parte dos créditos subsidiados concedidos à agricultura não eram aplicados na agricultura, mas na especulação com papéis, com terrenos, com imóveis... O total de subsídios concedidos pelo governo em 1978 foi de 30 bilhões de cruzeiros e esse número foi simplesmente o dobro do valor concedido no ano anterior.

— Tenho a impressão que eu não vi nem um centavo dessa dinheirada toda.

— E não viu mesmo não. O que você viu foram as consequências inflacionárias. E é muito simples: para sustentar isso, o governo tinha que emitir dinheiro. E inflação é basicamente isso. Emissão acelerada de dinheiro.

— Então é simples: basta suspender os subsídios que a inflação acaba.

— Quase simples. Aliás, o governo acaba de suspender os subsídios. Aquele pacote de dezembro foi para isso. De repente, o governo decretou "não tem mais subsídio". Quem quiser dinheiro pague o que o que o dinheiro estiver custando.

— Então, agora eles vão sentir na carne...

— Não, quem vai sentir na carne é você quando entrar no açougue e vir os preços da pá. Agora que o pensionista não tem subsídio. Além disso,

como quem ganha dinheiro é rico e rico não paga imposto; como não dá para emitir acima de certos limites que aí os preços disparavam de vez; como o governo precisa de muito dinheiro, mas muito dinheiro mesmo para tocar projetos faraônicos como Itaipu, usinas nucleares, Ferrovia do Aço, etc, o governo toma empréstimos junto aos mesmos banqueiros que também emprestam dinheiro a você.

— Agora eu já sei: o governo paga 72%!

— Calma, meta na cabeça que o fudido é sempre você. Quando o governo quer dinheiro dos banqueiros, ele emite um papel chamado ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional) ou então LTN (Letras do Tesouro Nacional). Como os banqueiros sabem que o governo precisa de dinheiro, eles só compram esse papel, se o governo remunerar muito bem. Isto é, se uma LTN custa cem cruzeiros, o banqueiro aceita comprá-la, se o governo aceitar apenas, digamos 80 cruzeiros por ela. É o que eles chamam de deságio.

— E o governo concorda com isso?

— Concorda. É o que eles chamam regras do jogo.

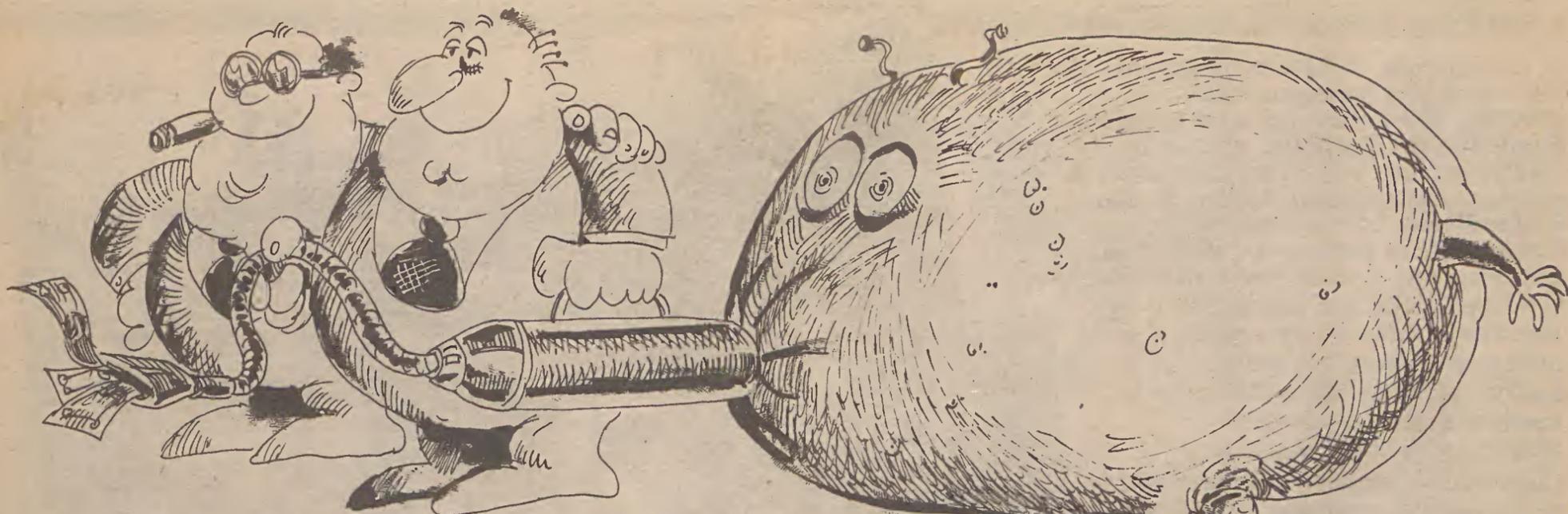
— E depois?

— Depois, quando o governo quiser de volta as LTNs terá de pagar os cem cruzeiros por cada uma delas.

— O banqueiro sempre sai ganhando...

— E não é só aí. O governo costuma controlar o volume de dinheiro que circula na economia através da venda e compra de LTNs. É o que eles chamam de mercado aberto ou open market. Quando o governo acha que tem dinheiro demais nas mãos das pessoas...

— Nas minhas mãos nunca tem dinheiro demais.



— Embora seja verdade, como eu lhe disse, inflação é excesso de dinheiro em circulação. Logo, quando tem muito dinheiro por aí, o governo vende LTNs para recolher um pouco de dinheiro. Vende com deságio, claro. E quando o governo acha que está faltando dinheiro, ele compra as LTNs que vendeu...

— **Acontece que está sempre faltando dinheiro!**

— Isso no seu bolso. No mundo dos banqueiros, o conceito de falta de dinheiro é outro. Lá eles falam em milhões e não no troco do ônibus. São os banqueiros que decidem quando falta dinheiro. Segundo eles, o mercado fica sem liquidez. Aí o governo concorda em comprar LTNs. Aí os banqueiros dizem que só vendem suas LTNs se o governo pagar caro, isto é, 120 ou 130 cruzeiros pela LTN que custaria cem cruzeiros. E como o dinheiro do governo está caro, os banqueiros dizem que o dinheiro está caro e aí fica tudo caro.

— **Caramba! E por que é que o governo não manda os banqueiros enfiarem suas LTNs no cu?**

— Porque aí, simplesmente, os banqueiros dizem que não têm dinheiro nem para remunerar aquele industrial que comprou um CDB com crédito subsidiado nem para emprestar uns tostãozinhos a você para comprar o seu carro. Aí a economia pára.

— **Ei! Se os banqueiros não soltarem a grana, é como se estivessem fazendo greve!**

— Só que empresário, banqueiro, gente fina não faz greve. Faz "locaute"...

— **E nem vai preso.**

— Claro que não. O presidente do Banco Central chama eles lá em Brasília para dizer que assim não dá. Pelo menos, é bom manter as aparências, fingir que o sol é para todos, se não o governo

não tem como explicar a situação aos eleitores da Arena.

— **Que barato! Os banqueiros roubam à vontade e o governo apenas pede para que eles metam a mão sem que ninguém veja.**

— Cumpadre, se fossem só os banqueiros que metessem a mão, até que tudo não estava tão ruim. Pior são as multinationais. Graças a elas, o Brasil tem uma dívida externa de 50 bilhões de dólares e só neste ano de 1980 terá que arranjar 21 bilhões de dólares sem saber onde.

— **Ei, quanto é que é isso?**

**3** A dívida externa brasileira supera a 2 trilhões e 250 bilhões de cruzeiros. Este ano, o Brasil precisará arranjar quase 1 trilhão de cruzeiros para saldar seus compromissos com o exterior. Para você ter uma idéia do tamanho dessa dívida basta dizer o seguinte: se todo brasileiro, desde o mais recente recém nascido ao mais velho de nossos compatriotas fosse convocado para comparecer amanhã ao Banco do Brasil para depositar dinheiro destinado a pagar a dívida externa do país, cada um de nós teria que desembolsar nada mais, nada menos que 18 mil 750 cruzeiros.

— **Putzgrila! Eu não ganho tudo isso em dois meses!**

— Pois então veja porque você deve ao exterior mais que o dobro do seu salário. A maior de todas as sacanagens é a história do petróleo.

— **É! Essa dos árabes resolverem aumentar os preços do petróleo foi foda!**

— Os árabes estão certos. A riqueza é deles. Vai acabar em 30 anos. Eles tem mais é que cobrar caro para poderem ter dinheiro depois que o petróleo acabar. O problema não são os árabes. O problema é que o Brasil consome muito mais petróleo do que dispõe...

— **Também a Petrobrás não acha...**

— Achar como, se aqui não tem petróleo! A Petrobrás fez o que pôde. Provou que é boa para achar petróleo no Iraque mas nem ela nem ninguém pode inventar petróleo. Graças à Petrobrás não temos também que importar gasolina. O parque de refino da Petrobrás garante a autosuficiência. Você já pensou se, ao invés de importar petróleo, estivessemos importando gasolina? Aí é que a vaca iria pro brejo com bezerro e tudo.

— **Pô cara, e eu nunca tinha pensado nisso.**

— Pois então pense. A Petrobrás não tem culpa de o Brasil consumir muito mais petróleo do que dispõe.

— **E quem tem culpa?**

— Respondo com outra pergunta: quem consome petróleo?

— **Os carros?**

— Então... temos um milhão de carros circulando no país e a indústria automobilística não pára de crescer, apesar de toda a crise.

— **Como é que pode?**

— Para a indústria automobilística é muito melhor produzir automóveis de que ônibus. E muito pior seria para ela se, ao invés de carros ônibus e caminhões, o Brasil baseasse seu sistema de transporte nos trens e navios. Por isso, há 15 anos o governo implantado pelos militares criou todas as condições para que a indústria automobilística se desenvolvesse. E ela cresceu tanto que hoje, se você parar a indústria automobilística, você pára o país e milhares de trabalhadores ficarão desempregados.

— **Bem, isso não me interessa.**

— Nem a você, nem a mim. A indústria automobilística sabe disso e barganha. Se o governo adotar medidas que a prejudiquem, ela faz...

— **...“locaute”?**

— Exatamente. Ela diz que vai reduzir a produção, despedir operários, o diabo.

— **Então é por isso que o governo não raciona a gasolina?**

— Olha aí, macaco tá começando a entender.

— **É bom pra quem tem carro...**

— Só que você não tem carro e a grande maioria do povo brasileiro não tem carro. E eu não preciso lhe dizer como estão os transportes nos subúrbios. Enquanto isso, o Brasil pega o pouco dinheiro que tem e queima no petróleo, exatamente porque é bom pra quem tem carro. É bom para a minoria que vai continuar gostando desse governo enquanto tiver gasolina para botar nos seus carros ainda que gasolina cara. Mas você sabe quanto nos custa isso?

**4** O Brasil importou 6 bilhões de dólares em petróleo no ano passado. Para pagar, pegou dinheiro emprestado lá fora. Há cinco anos que o Brasil vem pegando dinheiro emprestado no exterior para comprar petróleo para servir à indústria automobilística e aos felizes possuidores de automóveis. Resultado: no ano passado, o Brasil teve que pagar 15 bilhões de dólares por conta de sua dívida externa. Este ano, vai pagar 21 bilhões. A dívida externa brasileira custa mais do que o

petróleo, custa muito mais do que o petróleo, entretanto o governo só fala do petróleo e finge que não sabe da dívida externa.

— **Pelo jeito, o problema é racionar a dívida externa.**

— Isso, em economia, tem outro nome: moratória. É o sujeito declarar que não tem dinheiro e não pagar. Tipo, “devo não nego, pagarei quando puder”.

— **E por que o governo não declara essa tal de moratória?**

— Você acha que um governo que faz tudo que as multinacionais querem, vai declarar moratória? A sacanagem é tanta que boa parte dessa dívida externa constitui, na verdade, investimento estrangeiro no país que a gente paga como se fosse dívida.

— **Como assim?**

— Quem denunciou foi o ministro Rischbieter, o tal que o Delfim Neto demitiu. Mais de 14 bilhões de dólares da dívida externa são investimentos disfarçados. Só que, se forem registrados como investimentos, passarão a ser controlados pela Lei de Remessa de Lucros, que não permite a saída dos lucros estrangeiros com muita facilidade. Então, eles entram como financiamentos que podem ser rapidamente enviados de volta na forma de juros. O governo sabe disso, sabe que as multinacionais estão ludibriando a nossa lei e lesando o país, tornando o Brasil insolvente, retirando daqui o pouco dinheiro que temos, para enriquecer ainda mais os norte-americanos, japoneses, alemães. O governo sabe de tudo isso mas não faz nada. E tome o Brasil a inventar dinheiro para pagar sua dívida. E tome inflação.

— **Engraçado de tudo isso é que sempre ouvi dizer que era o salário que provocava a inflação...**

— Por acaso, alguma vez o seu salário cresceu mais do que os preços? Então...

A Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, órgão do governo, prometeu aos camponeses do município de Neópolis, no sertão sergipano, que sua vida ia mudar. A empresa comprou as terras de um latifundiário, com quem os trabalhadores faziam a "meia", e anunciou que a área seria dividida em lotes, cada um ganhando o seu, junto com casa de alvenaria e mais tudo o que fosse necessário ao cultivo. Apenas 55 famílias — a meta era 300 só em 1979 — aceitaram a proposta e aí a Codevasf — começou a perseguir os outros. Chegou até a proibir camponeses de plantar pra comer e a pagar as mulheres que trabalhavam nas suas roças um sexto do salário mínimo regional. Os trabalhadores, revoltados, estão esperando a indenização que pediram na Justiça.



O Alto da Rolinha: água só no chafariz. As promessas da Codevasf pararam nas casas novas.

# CAMPONESES EM REVOLTA NO SÃO FRANCISCO

Reportagem de Eduardo Homem  
Fotos de Valdir Afonso

— Se o Presidente do Brasil sabe o que está acontecendo aqui, então ele também é ladrão. (Manoel, morador do Alto da Rolinha).

Ô aí Figueiredo, se não sabe fique sabendo. E se quiser ouvir de viva voz vá ao Alto da Rolinha, no município de Neópolis, do lado sergipano do Rio São Francisco, bem em frente de Penedo, cidade histórica alagoana. Procure Manoel, todo mundo conhece. Agora, chegue de mansinho porque o povo do lugar perdeu o medo de cara feia.

Todo mundo ali, até 5 anos atrás, trabalhava de meia (dividia a produção ao meio) com o proprietário das terras, um latifundiário chamado Zeca Linhares. Um belo dia chegou a Codevasf — Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco — empresa do governo, desapropriou o latifúndio, pagou Cr\$ 27 milhões a Linhares e disse que tinha um projeto que ia fazer todo mundo ter terra prá plantar, casa, luz, água, escola, posto médico. Enfim, prometeu que daria pro povo coisas que ele não imaginava. Até o bispo de Propriá, cidade mais acima, D. José Brandão, aplaudia e defendia a Companhia em praça pública.

O projeto era o seguinte: as

terras desapropriadas seriam divididas em parcelas e cada família, dependendo do tamanho, receberia uma maior ou menor; a Codevasf construiria um dique ao longo da margem do rio, de forma a impedir as cheias e permitir a construção de canais de irrigação, que dariam a água necessária no tempo certo; construiria também uma vila, com casas de tijolo e telha, onde haveria escola, ambulatório, água e luz; meio-ano as pessoas plantariam arroz, produto típico da região, e nos outros 6 meses fariam hortas, cuidariam das fruteiras, das roças de milho, feijão, macaxeira; uma cooperativa, pertencente aos futuros parceiros — é isso que a Codevasf dizia que eles seriam — garantiria instrumentos de trabalho, adubos químicos, tratores e até bicicleta, televisão, geladeira, a preços menores que os das lojas. E compraria toda a safra a preços justos, eliminando a especulação.

O homem do campo ouvia aquilo e pensava no Paraíso prometido. Precisava ver os prospectos da Codevasf, um luxo. Tem um que diz assim:

— Vai ficar lindo o Baixo São Francisco! Um imenso e verde jardim, tanques para peixes aqui e acolá, com

muita gente alegre e feliz, saudável e progressista, sentindo dia-a-dia o rendimento do seu trabalho, para viver uma vida digna e ainda fazer suas economias com que enfrentar as incertezas do futuro.

Até hoje só 55 famílias aceitaram ser parceiras da Codevasf na fazenda Betume — o presidente da Companhia

queria 300 esse ano. E a maioria delas ainda não foi embora porque está esperando que o Supremo Tribunal Federal confirme a sentença do Juiz de Aracaju que condenou a Codevasf a pagar aos 970 antigos meeiros do latifundiário Zeca Linhares as indenizações que lhes são devidas por seu tempo de serviço no Betume. Agora em

16 de março a primeira sentença judicial faz 4 anos. E nada.

Nesse tempo a Codevasf ameaça, tenta subornar, infemiza a vida das pessoas. Começou proibindo todo mundo de plantar um palmo de terra. Como não havia emprego na região e ela não empregava quem tinha entrado na Justiça contra ela, o povo morria de fome. Mas não arredou o pé. Aí ela botou o pessoal para trabalhar. Só que, atenção, pagou uma diária de Cr\$ 20,00 às mulheres e adolescentes e de Cr\$ 40,00 aos homens durante três anos, onze meses e quinze dias.

Desde 1977 até dezembro de 1979, uma companhia do governo chegou a empregar mulheres por 1/6 do salário mínimo regional. Impunemente.

E nêgo não arredou o pé. Mais que isso, abriu outro processo exigindo correção salarial, férias, 13º, juros e correção monetária dessa exploração toda.

A Codevasf hoje aumentou os salários, mas continua se recusando a assinar as carteiras profissionais. Quer que as pessoas trabalhem por empreitada, pensando assim aumentar o trabalho pelo mesmo dinheiro e se livrar dos encargos trabalhistas.



Manoel chamou de ladrão os governadores de Alagoas, Sergipe e o então ministro do Interior, Rangel Reis. Na cara. Colher arroz pra Codevasf dá prejuízo.

A estratégia é velha e em geral dava certo: causa perdida na Justiça, o poderoso fica enrolando o pobre até que ele não agüenta mais e se dobra.

Foi assim mesmo no Baixo São Francisco. A Companhia chegava nas terras de um posseiro e dizia: — pago Cr\$ 20,00 a touceira de banana, Cr\$ 80,00 o coqueiro (você sabe quanto custa 1 coco?) e Cr\$ 85,00 o m2 da casa. Se o cara pedisse mais e pusesse pé firme, no dia seguinte tava o oficial de justiça acompanhado dos homens da lei, todos garantindo o trator que passava por cima do que estivesse em baixo.

De lá pra cá a bronca com a Codevasf só fez aumentar, mas aumentou também a disposição de luta do pessoal, José Francisco, Evaldo, Manoel, Mariinha, Noemia, Pedro, Raul, todo mundo fala da corrupção dos funcionários da Companhia. "O doutorzinho chega aqui e logo compra um carro novo. Ano passado roubaram foi muito dinheiro da Cooperativa — Cobasf — tiveram até que mudar uns diretores".

O pior, entretanto, é

quando o roubo se faz direto em cima dos trabalhadores, como o caso que José Francisco conta:

— Aqui eles têm mania de não pagar a primeira semana de trabalho de uma pessoa. Ficam prometendo que vai acumular com a segunda, com a terceira, e nada. Quiseram fazer isso comigo e mais outros mas a gente encrencou. Depois de quase um mês, um dia a turma entrou a força no gabinete do administrador do Betume, tudo de peixeira na mão e disse prá ele fazer a folha de pagamento na hora. Ele regateava, queria adiar mas quando viu a fâsca de fogo que a peixeira fazia quando batia na parede, não teve jeito. E se não é assim a gente não recebe não. Fica prá eles.

É por tudo isso que o povo do Alto da Rolinha, umas 150 famílias, não quer saber de ser parceiro da Codevasf, nem se interessa em sair das suas casas de barro e palha prá de tijolo e telha da vila do Betume. As histórias dos parceiros já chegaram lá no Alto.

José Martins está na mesma briga da indenização mas há



Mariinha, braço levantado: eu calei o ministro

dois anos pegou uma parcela de terra para plantar arroz. Ele diz que no primeiro ano foi uma maravilha, a Codevasf deu tudo de graça, adubo, trator, semente, até dinheiro prá sobrevivência antes da safra dava pra conseguir. Ano passado mudou tudo. Martins colheu 18 alqueires de arroz e apurou Cr\$ 36 mil. Pagou Cr\$ 20 mil do empréstimo no Banco do Brasil, Cr\$ 10 mil a um agiota a quem ele teve que recorrer durante o ano e quando recebeu a conta da Coöperativa ele devia Cr\$ 25 mil.

— Você ao menos sabe do que são esses Cr\$ 25 mil, Zé?

— Olhe, eles puseram 66 horas de trator a Cr\$ 300,00 a hora. Só que o próprio apontador da Companhia me jura que ele anotou muito menos horas. Mandaram eu botar 18 sacos de adubo na terra e cobraram Cr\$ 320,00 o saco. O resto eu não sei do que é não.

Quer dizer, José Martins entra em 1980 devendo Cr\$ 25 mil à sua cooperativa e não sabe nem do quê. E assim acontece com muitos parceiros. Teve um, na região de Propriá, onde a Codevasf

implantou um projeto semelhante, que, antes de se tornar parceiro era tido como homem rico. Tinha um terreno bom, 2 casinhas na cidade, uma bodega. Acabou devendo tanto à Companhia que se mandou prá São Paulo. Pois foram catar ele lá e tomaram tudo que o homem possuía.

Caso não falta prá contar. Os repórteres ficaram de 11 da manhã às 5 da tarde ouvindo o povo falar, acusar, xingar. E saíram emocionados de ter conhecido aquela gente. Afinal, não é todo dia que se encontram pessoas com coragem e certeza suficiente para dizer na cara de um ministro do Interior que ele é mentiroso e ladrão. Ele e todos os funcionários do governo que foram a Betume comer churrasco, tomar cerveja e depois arrotar pro mundo que a Codevasf está mudando a face do Baixo São Francisco.

— Eu queria ver o senhor, seu ministro, com tudo isso que o senhor diz que a gente tem — casa, água, luz, escola, médico — sem comida dentro de casa.

Eu calei a boca dele, diz Mariinha.



Arraes faz comício. Milhares de pessoas no protesto contra a Chesf, que acabou na Igreja de Petrolândia.



## Hidrelétrica do governo despeja 190 mil pessoas

A Companhia Hidrelétrica do São Francisco — Chesf — construiu e administra 5 usinas hidrelétricas em Paulo Afonso, uma em Sobradinho e começa a construir outra em Petrolândia, a usina Itaparica.

Para construir essas usinas a Chesf desapropria milhares de hectares de terra, desaloja seus proprietários e paga a quantia que ela própria determina arbitrariamente. Para construir Sobradinho ela deslocou 70 mil pessoas e, agora, em Itaparica, ela vai mexer com 120 mil. Muitas dessas pessoas já foram expulsas durante a construção de Moxotó, e sua experiência alimenta a disposição geral de ninguém sair de suas terras e casas sem que as exigências sejam atendidas pela Chesf.

A Companhia, quando construiu Moxotó, usou o Exército para botar o povo prá fora. Seu

Cipriano, um velho de 73 anos, é quem conta: "os doutores chegaram, junto com soldados do Exército que passaram uma corrente de ferro em volta da casa, amarraram num caminhão e derrubaram tudo. Depois os tratores passaram por cima das fruteiras e da minha roça. Perdi tudo que tinha".

Hoje os trabalhadores reagem à altura. Esta manifestação foi a segunda que fizeram num espaço de 3 meses. Um dos presentes dizia com firmeza:

— Os doutores da Chesf aprenderam a fazer, não é? Pois nós aprendemos a desmanchar. Aqui não vai ser igual a Sobradinho não. Ou eles respeitam nossos direitos e constroem a usina, ou a briga vai ser feia. Na manifestação em Petrolândia, milhares de pessoas reunidas no protesto, gritavam: O povo unido jamais será vencido!

# REPORTER

SAÚDA O POVO E PEDE PASSAGEM PARA O SEU PERSONAGEM

# DONA MARIA REVOLUÇÃO



GVIDACCI

REPORTERTUR  
dá as dicas da folia barata  
e você só paga o jornal

# CARNAVAL A 25 PRATAS

Solidário com os que não podem assistir ao desfile milionário das escolas de samba do primeiro grupo, na avenida Marquês de Sapucaí e que, este ano, está custando os olhos da cara, **REPORTER** colocou sua equipe carnavalesca à procura de dez acontecimentos que ninguém deve perder no carnaval carioca. Todos de graça, é claro. E que provam que, apesar da ganância do governo que proibiu aos pobres de assistirem ao desfile que eles criaram, o carnaval carioca ainda resiste e não vai morrer nunca.

#### • Entrada do baile dos enxutos

Na praça Tiradentes, sexta-feira, às onze da noite. O som é assegurado por um palanque de músicos que fica tocando na praça, ao lado da estátua de dom Pedro I. E, em frente ao teatro, no sereno, a massa assiste à entrada das bonecas, com suas mirabolantes fantasias e aplaude ou vaia, com entusiasmo. As bonecas agradecem, rodopiam, dão adeuzinhos ou bananas para o público; o clima é tragicômico e muito animado.

#### • Desfile do Cordão do Bola Preta

Evento que abre, oficialmente, o carnaval carioca. Os velhos, gordos e maravilhosos palhaços do Bola saem no sábado de manhã de sua sede, na Cinelândia e vão pelas ruas do centro, animadíssimos, a berrar que quem não chora, não mama, hino da agremiação.

#### • Banda de Ipanema

No sábado à tarde. Este ano vai estar quente, e, possivelmente, cheia de topless. A banda sai da praça General Osório, em Ipanema, e segue até o Jardim de Alá, pela Prudente de Moraes. Fantasia de intelectual — óculos, chinelo, bolsa de couro e sunga — fica muito bem.

#### • Cinelândia

O coração do carnaval do Rio de Janeiro fica por ali. Animação e ti-ti-ti, dia e noite, de sábado a terça. Um palanque de músicos dá o som até às dez da noite e, daí em diante, o povo pula, filando o som que vem do Bola Preta, num primeiro andar, e que tem excelente orquestra. Fantasias incríveis passam dia e noite.

#### • Clóvis, em Santa Cruz

A palavra clóvis vem do inglês clown, que significa palhaço e, no carnaval carioca, são aqueles fantasiados de roupas de cetim multicolorido, com máscaras e uma bexiga de boi amarrado num pedaço de pau. Fantasia ingênua é linda, encontrada com frequência no subúrbio de Santa Cruz, eles se concentram na praça dom Pedro II, na terça-feira, à tarde.

#### • Desfile dos blocos de embalo

Os principais blocos são o Cacique de Ramos, o Bafo da Onça e o Boêmios de Irajá. Sua coreografia não é marcada como a das escolas e todo mundo veste uma roupa só, diferente a cada ano. Vê-los na avenida Rio Branco, no desfile de domingo à noite, por volta das sete horas da noite é coisa inesquecível.

#### • Concentração em Madureira

Capital do samba, este subúrbio do Rio tem sua rua mais importante, a Edgard Romero, fechada ao tráfego e entregue aos carnavalescos, até quarta-feira.

Passam blocos sem parar, o mais famoso dos quais, o das Piranhas, em que jogadores machões como o Moisés, saem de mulher, no sábado de manhã.

#### • Coretos na Baixada

Antigamente, em qualquer subúrbio do Rio, enfeitava-se o coreto da praça principal com motivos carnavalescos e, em volta deles, o povo sambava. Essa tradição continua sendo mantida pelas prefeituras municipais da Baixada Fluminense, que mantêm baile em seus coretos, todos os dias de carnaval, à tarde e à noite. Os músicos, experimentados em muitos carnavais, têm excelente repertório e sabem fazer o couro comer. Os coretos ficam nos seguintes locais: em Eden, na praça principal; em São João de Meriti, na rua da Matriz; na Pavuna, na rua Mercúrio; em Mesquita, na praça em frente à estação do trem; em Agostinho Porto, ao lado da estação; na praça Getúlio Vargas, em Belford Roxo; em Rocha Sobrinho, no conjunto do BNH; em Nilópolis, na praça das Flores; nas avenidas Marechal Floriano e Heliópolis, no Largo da Farrula e na praça Miguel Couto, em Nova Iguaçu; na rua Tomás Fonseca, em Morro Agudo; na rua Vital Brasil, em Austin e, na praça Roberto Silveira, em Caxias.

#### • Futebol de travestis

No final do Leblon, domingo à tarde, lá pelas quatro horas. Os meninos do Rio, pessoal do surfe e da pelada, usam graciosos modelinhos de beibidol e, de ano para ano, as mulheres também estão disputando um lugarzinho na linha. Todo mundo de porre e com música, um programa a beira mar.

#### • Desfile da Escola de Samba Quilombo

Fiel à tradição das antigas escolas de samba do Estácio e da Cidade Nova, a Quilombo desfila sozinha, sem amplificação de som e sem destaques espalhafatosos, mas com um bom samba e é sempre muito aplaudida. Na terça, por volta das nove da noite, na avenida Rio Branco.

Texto de  
José Antônio Nonato

Figueiredo não prende nem arrebeta, não gosta de briga, o bicho que mais gosta é cachorro e para manter a forma física não precisa fazer halteres: trabalha 12 horas por dia como motorista de ônibus. Confessa que não entende nada de política, acha que a Revolução "não adiantou nada, só piorou" e admira Juscelino. Pode ser visto todo dia na direção do frescão Engenho de Dentro-Castelo, no Rio. Passageiros e colegas já se acostumaram a chamá-lo de Figueiredo — é a casa dele — e o nome pegou. Só dona Elza, sua mulher, está preocupada com isso e avisa nossos repórteres:

— Veja lá o que vocês vão fazer com meu marido. Não queremos complicações.

## Figueiredo confessa:

# "NÃO ENTENDO NADA DE POLÍTICA"

É a cara de um focinho do outro. No terminal Meneses Cortes, no centro do Rio de Janeiro, no meio da poluição, de fumaças e o ranger das carrocerias dos ônibus ele é conhecido como Figueiredo. Os passageiros do Engenho de Dentro-Castelo preferem até viajar com o presidente que é simpático e não precisou mudar sua imagem. Não tem pinta de caguete, nunca trabalhou no serviço de informações e o seu bicho preferido é o cachorro.

— Se eu fosse presidente da República eu mandava procurar petróleo em tudo que é canto do Brasil e acabar com os assaltos e a marginalidade. Essa onda de violência.

Gérson Teixeira, 54 anos, motorista profissional há 25 anos, trabalhando doze horas por dia, não precisa fazer ginástica para manter a forma. As costas largas e musculosas dão uma aparência saudável, mas diz que foi de tanto pegar na enxada em Ubá, Minas Gerais, onde nasceu. Quando tem uma folguinha, bate uma bola no time Luar de Prata, campeão da Rua Cristalina, onde mora, em Realengo Bairro, aliás de muito quartel e por onde muita gente que lá por cima aprendeu a mandar e desmandar. No time jogam os seus seis filhos todos encaminhados na vida, como faz questão de ressaltar. É Flamengo de coração e pó de arroz lhe dá alergia. Não gosta de briga, não prende e nem arrebeta, de paz.

Quando você soube que era a cara do presidente?



Sósia do presidente é motorista. Até os passageiros o chamam de Figueiredo

— Logo que ele começou a campanha, um colega viu a foto num jornal e chegou correndo: "você é a cara do presidente, Gérson não tem o que tirar e nem por." Daí prá cá só me conhecem como Figueiredo. Na Transporte Matias onde trabalho ninguém me chama pelo nome. Tudo é Figueiredo.

E a revolução?

— Fizeram para melhorar mas não adiantou nada. Continua até pior. Tudo caro. Custo de vida não melhora nunca. Tabela hoje, sai da tabela amanhã.

E as reformas políticas?

— Olha, eu não entendo de política, não sei se você já reparou? Mas pelo o que eu vejo, com Magalhães, Brizola e Figueiredo puxando brasa prá sua sardinha, eu não sei como vai ficar. Pode ficar até pior do que está.

Papo de política não agrada Gérson que muda de conversa bem na hora em que dona Elza, com quem vive há 28 anos, abre o portão. Um pouco assustada, cumprimenta e sai falando:

— Veja lá o que quê vocês vão fazer com o meu marido. Não queremos complicação, por favor.

Dona Elza dá uma volta na sua sala bem arrumadinha, nervosa. Gérson pede calma.

E o trânsito, tem solução?

— Não tem mais não, tem colegas que quando estão na direção viram valentes. Muitos carros nas ruas, tudo entupido. Nem com racionamento de gasolina vai adiantar. Quando teve aquele aumento de gasolina as ruas por uns dias ficaram vazias, mas já voltou tudo. Nem a idéia de carros com placa diferentes circularem dia sim,

dia não, vai funcionar: os ricos vão comprar dois carros.

E o topless?

— É bonito na mulher dos outros.

Gérson Batista de repente passa a mão pela cabeça e comenta: "ele tem um pouquinho mais de cabelos do que eu". Gérson usa pasta de dente Colgate, loção Johnson, gosta de cinema e pra ele não existe cantor maior do que o Roberto Carlos. Posa para fotos no jardim em frente da sua casa azul, no meio de três pés de roseiras carregadas. Mostra o pomar nos fundos, oferece uma goiaba e diz que os filhos vão fazer ali uma piscina. Faz um apelo aos colegas de classe que se sindicalizem.

Você faz política sindical?

— Eu sou apenas sócio e acho que todos os colegas de profissão deveriam se sindicalizar.

Quem foi o político quemais o impressionou?

— Juscelino Kubitschek. Esse foi um grande homem.

O senhor é a favor das eleições diretas para presidente?

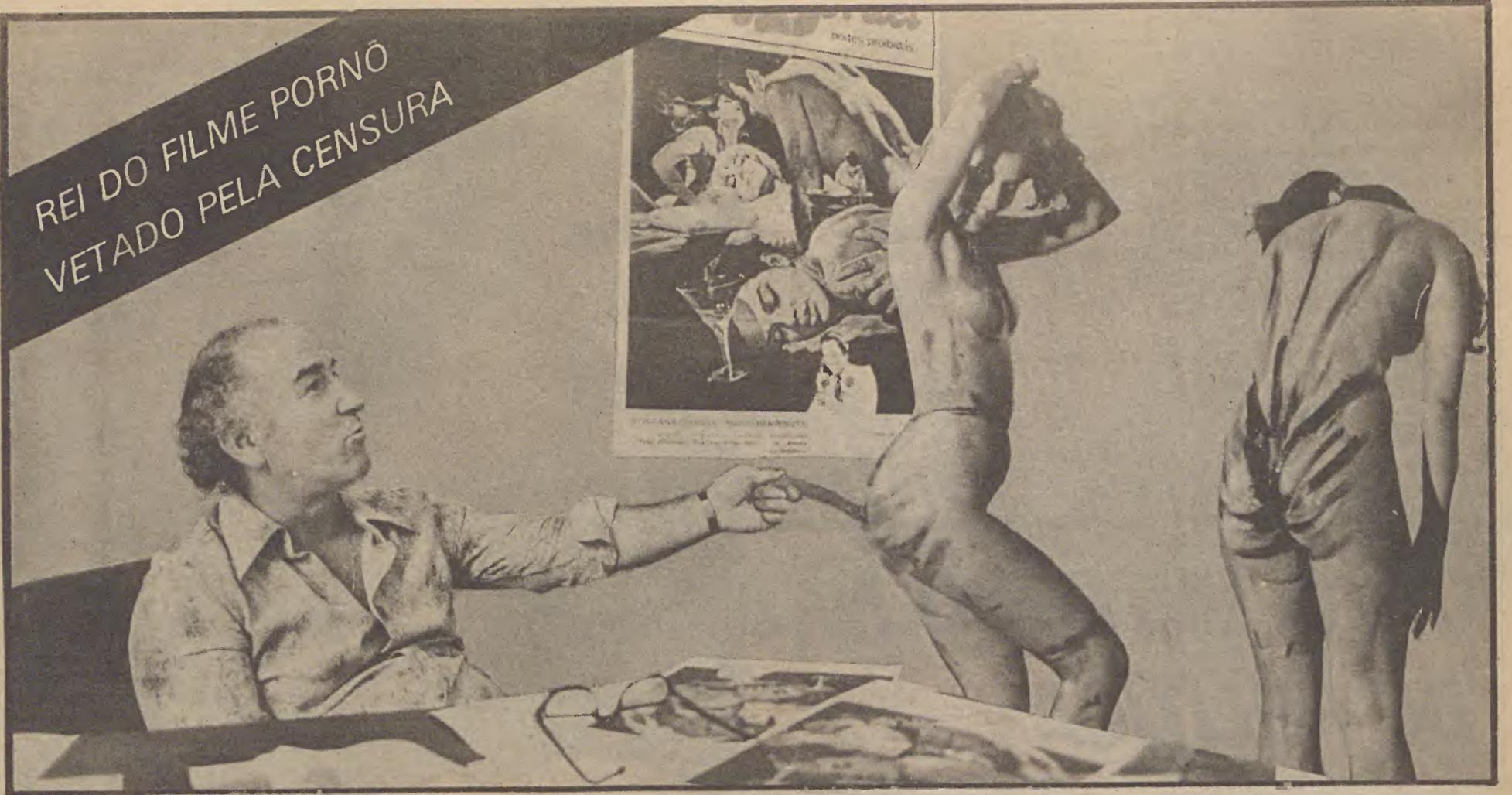
Sou sim. O chefe da nação tem que ser escolhido pelo povo. Pelo voto que é um direito sagrado de todo cidadão. É a única forma de acabar com a injustiça. Queria ver os ricos menos ricos e os pobres menos pobre.

Reportagem de Tim Lopes  
Fotos de Chiquito Chaves

# Anuncie no REPORTER

## 150.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

Ligue para 253-5038 ou 253-5077



## Botou charuto aceso no ânus da atriz

### Fumo anal é "sexo grosso"

— Tá vendo essa foto? Sabe o que a moça tá fazendo?

Ele joga a foto na mesa, como um chefão. E ele é chefão mesmo, da Boca do Lixo do cinema paulista, e tem o mesmo nome de conhecido mafioso assassinado em Nova York, Galante. Nosso Galante é Antonio Pollo, um tipo atirado, falador, comerciante. Quer ganhar logo a simpatia da pessoa, tratando-a, carinhosamente, de "gordinho".

Gordinho é ele. Além de baixo. Feio também é. Mas é o maior produtor nacional de pornochanchadas. Produz a rodo, uma atrás da outra. Associa-se com donos de cinema — vende o filme (ou "mercadoria", como ele chama) pra ele — e por isso tem sempre bons lançamentos.

Mas voltando à foto. Galante está tiririca porque a Censura interditou uma mercadoria dele, uma cópia (ele mesmo confessa) do americano "Golpe de Mestre".

— É a primeira fita proibida nessa abertura — lamenta-se, e ao mesmo tempo orgulha-se, discretamente.

A foto em questão é desse



Cena de "O Bordel". Proibida.

filme, "O Bordel". E Galante responde à própria pergunta:

— Ela tá fumando charuto pela bunda! Tem alguma coisa demais nisso? Minha fita não tem nada mais que as outras. E a censura proibiu porque tem sexo grosso! Enquanto isso, todas as pornochanchadas européias são liberadas, como **Black Emanuelle**, **A Comilança**.

Por aí se vê como Galante entende de cinema. Chama **A Comilança** de filme apelativo: — É uma pornochanchada plastificada, nada mais. Um verniz em cima, só.

Não é por falta de vivência que ele pensa isso. Começou em cinema há 25 anos, com 20. Começou de baixo, aquelas histórias. Primeiro, assistente de câmera. Uma função, aliás, que dá boas oportunidades de participação

no comércio de latas de negativo.

Bem, vindo por baixo, por baixo, no começo dos anos 60 já pintava como o comerciante de cinema de hoje. Corre na Boca que os primeiros negócios foram assim: ele comprava baratíssimo filmes que algum produtor "enforcado" não conseguia terminar, faltando filmar alguma coisa. E assim foi indo. Investindo pouco e tirando o que desse. Além dos negócios com latas de negativo — que lhe rende bem até hoje. Foi também juntando equipamento e hoje tem de tudo, pra si e pra alugar. Aluga por muito, cobra caro. Quando é sua vez de pagar, regateia.

Faz parte também do folclore de Boca o episódio em que a atriz Wilza Carla ameaçou spatifar sua caris-

sima câmera de filmar porque ele se recusava a pagá-la como combinado. Faz menos de dois anos. Ela surgiu na janela de seu escritório, num segundo andar, fronteiro ao frequentadíssimo Bar Soberano. Wilza segurava a câmera fora da janela e berrava:

— Me paga ou jogo!

Dizem que Galante implorou, chorou, esperneou, mas pagou na hora.

Negócios são negócios. A história pode ser folclore puro. Acontece que é uma boa explicação de "como subir na vida". Produtor anjinho não vai pra frente nunca. E Galante foi. É tão poderoso hoje que só compara sua força financeira com Mazzaropi, há décadas o milionário do cinema brasileiro.

Seu poder não veio da qualidade de seus filmes. Ele sempre prefere falar em quantidade. É o recordista brasileiro de velocidade em fazer filmes: gasta cinco meses pra cada. E já começa outro. Não pára.

— O cinema pra mim não é brincadeira, é indústria.

De vez em quando, Galante tem que esnobar e compra uma obra conhecida pra filmar. Há um mês comprou **O Milagre da Cela**, de Jorge Andrade, história baseada no episódio de Madre Maurina, freira de Ribeirão Preto, SP, presa, torturada e violada na delegacia de sua cidade, nos anos 70.

Com o faro que tem, o chefão da pornochanchada afirma que "filme político já é comercial", mas lembra que a história de Jorge Andrade "vai agradar a massa".

— O delegado se aproveita

da situação, a freira se deixa usar e fica grávida dele.

Fico curioso. Será que nas filmagens dessas pornochanchadas uns não se aproveitam dos outros também, alguém fica grávido?

Galante não admite e dá um testemunho:

— Já fiquei com meus atores e atrizes, todos nus, corpo a corpo, lado a lado e só tenho elogios pra eles. Ninguém pensa em sexo. E quem sai da linha, eu mando embora, sem piedade.

Uma declaração política, claro. É de sua política, também, fazer elogios aos donos de cinema, os tais exibidores que os cineastas em geral detestam e até acusam de boicote. Galante jura de pé junto que não existe boicote:

— O exibidor só corta a fita nacional muito "fechada". Fita comercial ele passa todas.

"Comercial" quer dizer:

— Que tenha sexo. E uma boa história.

Tem que ter sexo sempre, em qualquer filme?

— Sempre! Fora as fitas "livres". Fita "proibida 18 anos" precisa de sexo, que é importante, é a nossa vida. Eu gosto de sexo, você não gosta?

Imagino o "gordinho" pelado, numa cama... Ele continua:

— Se você vê uma mulher bonita não olha? Não imagina uma porção de coisas? A mente do povo é essa hoje, sei lá.

Reportagem de  
Alex Solnik

REPORTER publica em capítulos, a partir deste número, a história pessoal do rei do terror, escrita por ele mesmo. No primeiro capítulo, ele conta que já com um ano de idade gostava de ser tocado pelas mulheres e rejeitava homens. Aos dois anos, a babá pegava no pinto dele e o chupava "carinhosamente". Já naquela época, ele queria mais. **Atenção! As frases em negrito são de autoria de Zé do Caixão; o resto do texto é de José Mojica Marins.**

# CONFISSÕES ÍNTIMAS

## DE ZÉ DO CAIXÃO

### 1º CAPÍTULO

#### Aos 2 anos, a babá chupou meu pinto

Caros leitores, a mão que escreve estas linhas pertence ao corpo de José Mojica Marins, mas, nem sempre as palavras a serem traçadas são de autoria desta mesma pessoa, embora os lábios que a pronunciam são os mesmos. Acredito que a maioria de vocês leu o livro, assistiu o filme, ou, pelo menos ouviu falar da grande obra "O Médico e o Monstro", de Robert Louis Stevenson, cujo tema versa sobre a duplicidade da personalidade do eminente médico dr. Jeckil, em cujo corpo também desenvolvia-se a sinistra figura de Mr. Hide. Para mim, foi ótimo e esclarecedor conhecer a obra, pois só aí vim poder explicar certas facetas do meu comportamento, que antagonizam comigo mesmo, surpreendendo a quem conhece meu caráter.

Por isso, advirto àqueles que, por ventura, revoltaram-se com a linguagem que em determinados pontos será desenvolvida, o motivo de tanta diferença, já que não consigo controlar estas mudanças. Para quem conhece meu trabalho, posso identificar essa outra pessoa em mim como Zé do Caixão, que, apesar de ter sido criado apenas em 1963 já fazia parte de meu subconsciente desde ou antes mesmo de minha vinda ao mundo. Sim, pois ao contrário do dr. Jeckil, que fabricou sua própria maldição, eu não tive esta liberdade de escolha. Talvez, contando as circunstâncias de minha vida, poderão compreender melhor.

Nasci às 12:30 hs., no dia 13 de março de 1929. A hora e a data deram origens a muitas conjecturas maliciosas por parte de amigos e críticos, embora sem fundo verídico, é claro. Embora este é o horário dos espíritos, das forças ocultas, quando a Morte e seus sequazes estão à procura de vítimas, segundo os tolos supersticiosos. Talvez eu seja realmente a encarnação definitiva de Marquês de Sade, dos Bórgias, de Nero, Calígula, de Átila e de outros homens entre os poucos que salvaram-se da ridícula teia



Zé do Caixão aos 3 anos e meio

de sentimentos, mas seguiram seus instintos. Nasci, com toda a boa-sorte divina, filho de pessoas maravilhosas, pais realmente. Meu pai, já falecido, era toureiro, uma profissão emocionante na época. Minha mãe ajudava-o e, pelo que lembro-me desde o início eram felizes. Imperfeitos, essa é a verdade, como a maioria senão a totalidade dos seres deste mundo ao qual pertencem e que pretendo mudar.

Outra curiosidade acerca de minha vida pré-natal consiste no fato de ter nascido um tanto atrasado, segundo própria definição de minha genitora, D. Carmem, a quem o destino possibilitou estar comigo até hoje, como um dos maiores motivos para o ânimo em que levo minhas obras. Ao invés dos tradicionais 9 meses, nasci aos 10 meses e meio. Era necessário, pois para a formação de uma inteligência maior, desligada das constâncias imbecis dos humanos normais, um tempo maior, uma preparação mais específica para constituir a perfeição. É claro, que o tempo do nascer de um homem, mais ou menos que o normal, nunca poderia influir em sua evolução

posterior. O que quer que possa ser motivo de meu problema não deve estar ligado a este fator.

Possuindo, talvez como dom, uma memória excepcional, mantendo vivas lembranças dos primeiros meses de vida. Lembro-me perfeitamente dos carinhos de minha mãe e pai, logo no momento em que abri os olhos, sem ver nada entretanto. Eu chorava, não sei por qual motivo. **Havia uma mão áspera em meu corpo, desagradável. Eu tinha plena consciência de minha posição superior, e fiz sentirem isto, até entregarem-me às mãos hábeis e carinhosas de uma enfermeira.** Percebi, no início de minha passagem por este mundo sem sentido, que, se procurasse a perfeição, só poderia encontrá-la no sexo feminino.

Quando tinha já 1 ano de idade, como toda criança, chorava, gritava, até darem-me o que queria. Só não lembro-me exatamente qual o motivo do choro. **Eu não chorava, não como os imbecis imperfeitos, protótipos da decadência fixada da espécie humana.** Eu tentava a comunicação com o mundo. Meu corpo precisava sentir as mãos delicadas das mulheres a brincarem comigo, meu rosto, meu corpo, e meu pintinho. Maldição humana esta de a mente ser condicionada a um corpo repleto de imposições. A excitação era grande, ele queria levantar, mas não conseguia controlá-lo, apesar de meu ego superior. Teria de esperar o tempo, mas não admitiria o toque desagradável de um homem. Não sei porque, mas poucas pessoas eu deixava que me tocassem. Meu pai era uma delas, ele que no futuro seria, talvez, a figura mais importante de minha formação. **Havia um único homem, na verdade, a quem eu não poderia impedir o toque, talvez por conveniência, pois o sentido de sobrevivência é importante e, nesta condição ridícula de inanição em que me encontrava precisava de alguém para preparar-me nas condições necessárias à minha missão.**

Aos dois anos, com a mudança de meus pais para um cinema que iriam gerir, o trabalho tornou necessário que contratassem



alguém para cuidar-me. A moça escolhida, à qual afeiçoei-me imediatamente, parecia gostar muito de mim, um apoio que toda a criança pequena precisa. **Gostava quando ela, com aquele corpo moreno, torneado, encostava-se e roçava-se e roçava comigo, quando deixava minha boca correr pelos seus largos seios, quando não só pegava em meu pinto, mas, carinhosamente, chupava-o.** Já sabia, então, onde estaria a perfeição e como procurá-la. As atitudes que esta moça tomava comigo, hoje consigo explicar melhor, no fato de ele ter tido um noivo e, por mais desejo que tivesse, não podia satisfazê-lo, o que não poderia haver problemas comigo. Parece-me, entretanto, que a experiência não me desagradou, muito ao contrário. **Eu sentia o desejo de possuí-la naquele momento, misturarmos nosso sangue, no único momento válido vivido por um desses inúteis seres. Era-me difícil a comunicação sem palavras, mas procurava-me fazer entender pelos gestos e toques, indo profundamente por aqueles pelos macios e reluzentes, aquela depressão funda que a mulher fazia que não permitia que eu pusesse a mão, o que dava-me vontade de matá-la, pois cada um deve saber o que quer e ela queria ser possuída.**

Algo na minha vida, acontecido aos 3 anos e meio marcou-me profundamente, e, hoje, quando recordo, chego a achar engraçado. Já era hora, eu precisava sentir totalmente um corpo feminino, uma brecha em que pudesse chegar ao cume, pela primeira vez. **Eu queria ter uma relação...**

JOSÉ MOJICA MARINS

● Não percam, no próximo número, o segundo capítulo, contando a primeira relação sexual de Zé do Caixão, aos quatro anos de idade.

Muito romance já  
começou no baile  
das 6as. feiras

# Quem é só e passou dos 30 agora tem clube

Oriza Rebello da Silva, gaúcha de Lagoa Vermelha, desquitada e mãe de seis filhos, uma mulher bonita e cheia de energia, há seis anos veio morar no Rio de Janeiro. Sem problemas financeiros, pois recebe pensão do ex-marido e com cinco filhos já casados, Oriza não achava muito jeito de gastar a sua vitalidade, porque na cidade onde não conhecia ninguém ela aprendeu bem cedo que são poucos os lugares em que uma mulher pode chegar sozinha, divertir-se e ir embora, sem problemas.

Depois de passar um ano dividida entre sair com as filhas ou as noras e fazer programas que não podia escolher, ou ter que enfrentar situações delicadas quando saía sozinha (os homens não entendiam como é que uma desquitada bonita queria voltar para casa desacompanhada), Oriza foi fazer uma viagem pela Europa. E, na França, numa cidadezinha cujo nome ela já não lembra, tomou conhecimento de que o clube local promovia bailes semanais para aproximar os solteiros do lugarejo às moças que estavam ficando ou já eram títias. De volta, Oriza resolveu organizar no Rio de Janeiro, o seu Clube dos Solitários, que já funciona há quatro anos e meio e tem sua reunião semanal um baile no clube Copalene, na Ladeira Ary Barroso, às sextas, a partir de nove e meia da noite, com animação do Conjunto Copa Rio, preço de 250 cruzeiros por pessoa e bebidas — refrigerantes e cerveja — pagos à parte.

O filho Sérgio, uma irmã desquitada, quatro amigas solitárias e dedicadas Dagmar, Ina, Lísia e Noêmia

— deram uma força na criação do clube e ajudam a mantê-lo em funcionamento até hoje. A equipe providencia anúncios diários no **Jornal do Brasil** e no **Globo**, atende ao telefone os solitários que desejam informações (e que ficaram sabendo que o ambiente "é família") assegura som e bebidas na reunião semanal, recebe os novos participantes de cada semana, faz sala aos antigos frequentadores, vende ingressos para todos, mantém uma discreta vigilância para ver se no salão o baile segue calmamente e barra, na porta, os que têm menos de trinta anos.

— Bom, você sabe — explica Oriza (que, para efeitos do clube, trocou esse nome pelo de Marisa) — nós barramos os que têm menos de 30 anos porque isso aqui não pode virar discoteca, não é? E, sabe como é, se chegar muita gente jovem aqui não vai ser a mesma coisa. O clube é feito justamente para pessoas mais velhas que querem botar um pouquinho de festa na sua solidão e acham que já não têm idade para isso, são inibidos e tí-



Antonio e Nilde

midos. Se começar a aparecer garotada com essa mentalidade de "eu vou me dar bem com uma coroa", vai estragar todo o nosso trabalho.

Sem estragar o trabalho, entre as dezenas de solitários que povoam o salão — quase todos de camisa de manga comprida, calça vincada e bem passada, sapatos escovados, cabelos às vezes raros, quase sempre grisalhos e sempre curtos — o jovem José Renato é uma exceção. De sapato salto carrapeta, topete e com uma jinga de corpo na dança que mostra que ele está longe do reumatismo. O moço, que tem 25 anos, admite que gosta mesmo é de uma coroa, confessa que consegue driblar a portaria há muitas sextas-feiras e declara que, na concorrência com os sessentões, que são a maioria dos sócios, tem se dado muito bem e rara é a sexta-feira em que não sai acompanhado do clube, tanto que não quer tirar fotografia e nem chamar atenção sobre si, preferindo ficar na de comedido entre as solitárias do Leme.

Já não foram as mesmas as intenções de Antônio Aragão e de Nilde Hersen da Costa, que há seis meses, numa sexta-feira sem programa, resolveram aparecer no clube, ele por recomendação de um amigo, ela para levar o pai viúvo e sócio ativo. Antônio, português, contador, charmoso, encontrou Nilde, morena carioca, comerciante, cheinha de corpo e graciosa.

Na primeira contradança, mudos de emoção, não se falaram. Daí em diante, começaram a conversar um pouco e, no fim do baile, Antônio pediu o telefone e Nilde não deu, "não ficava

bem, assim, na primeira vez, não é"? Na sexta-feira seguinte, novo bailarico, novo pedido delicado e enérgico e Nilde aceitou a corte. Antônio e Nilde casaram-se alguns bailes depois e são felicíssimos. Quase toda sexta-feira eles aparecem no clube, onde já têm muitos amigos, e fazem uma horinha da saudade, rodopiando abraçadinhos no soalho encerado com capricho, apontados com simpatia e, às vezes, com um suspiro de inveja por outros solitários e solitárias que ainda esperam por seu par.

Maria José "o sobrenome, me desculpe, não posso dar", é farmacêutica, tem 50 anos e está na dança há mais ou menos um ano. Avó, viúva, ela vai ao clube "só para ter uma diversão" e acha que está muito bem solitária. Outra dançarina que não está preocupada em arranjar um par constante é Maria da Graça "também não posso dar o sobrenome", modista "de alta costura", residente em Copacabana, viúva há dois anos, que chegou ao clube levada por Maria José. Maria da Graça, ruiva, magrinha e delicada, só agora começa a botar para fora o lado alegre e dançador de uma mulher que foi casada com "um marido machão e autoritário", que não a deixava ir a lugar nenhum e nem a levava a qualquer divertimento. Mesmo assim, Maria da Graça o amava e, enquanto ele foi vivo, amargou a de ficar em casa. Agora ela confessa que está muito mais feliz, embora sinta falta do finado. E diz que não quer se submeter a outros homens, que é muito melhor ser livre. Sentadas numa mesa onde os cavalheiros não lhes dão um



Baile do Clube dos  
Corações Solitários

Fotos de Rogério Carneiro

segundo de descanso, as duas Marias distribuem sorrisos e gentilezas a todos os paqueradores que se acercam, mas no fim da festa, pegam seu táxi e vão cada uma para sua casa, esperar por novo encontro e novas aventuras, sexta que vem.

O garçon do estabelecimento se chama José Maria Azevedo, tem vinte e oito anos e gosta do local, porque "as gorjetas são boas e o pessoal não esquenta". Nem podia esquentar mesmo, que a idade, já não permite muito e, além do mais, a 250 cruzeiros a cabeça, o baile só reúne mesmo um tipo de solitário classe média mais para o fino, que não gosta de provocar e nem de participar de vexame. Sob as luzes vermelhas, verdes e azuis que iluminam fracamente a pista de dança, os casais dançam e papeiam. O velhinho que conseguiu dançar inteirinho vem trazer, ofegante, a sua dama de volta à mesa. A gordona tímida aproveita-se da permissão que as mulheres têm para também tirarem os homens e se atraca, num bolero com um careca. A cinquentona horrorosa, de óculos fundo de garrafa e toda desengonçada, tenta acertar o passo com aquele senhor distinto enquanto a outra, mais feia ainda e que ninguém chamou para dançar, baila sozinha, em volta de si mesma, cantando alto, junto com o crooner, que ela também já foi criança e já foi rei. E o discreto bate coxas prossegue até as duas e meia da manhã de sábado, "como se fosse em família", insiste Marisa, a organizadora do clube e a mulher mais bonita do salão. E quando se pergunta quando é que vai chegar o seu príncipe encantado, ela fica surpresa de alguém achar que ele está nessa de esperar marido.

— Meu prazer é ajudar os outros e dançar um pouco também. Mas eu sou solitária por convicção e estou satisfeita com isso. As pessoas têm mania de achar que estar sozinha é a mesma coisa que estar triste. Não é nada disso! E agora me dá licença que eu tenho que atender aquele senhor ali, que está me chamando para dançar...

Reportagem de  
José Antônio Nonato



## Refugiada uruguaia casou com travesti brasileiro

Eles vivem no Brasil escondidos. Não recebem documentos, não podem trabalhar, nem morar. Primeiro, porque dificilmente teriam um fiador, segundo porque, ao alugar um apartamento, o zelador do prédio manda a ficha do inquilino para o DOPS. Seus passos são vigiados pela polícia, algumas vezes de maneira ostensiva (a colaboração entre as polícias sul-americanas é clara). São argentinos, uruguaios e chilenos, refugiados políticos e exilados, calculados em mais de 100 mil.

A maioria mora no eixo Rio-São Paulo, de preferência no litoral. Há os que simplesmente fugiram de seu país — exilados — e os que são reconhecidos como "refugiados políticos" pela Organização das Nações Unidas. O Brasil, no entanto, não aceita essa classificação e trata ambos os grupos da mesma maneira. Alguns desses refugiados, apesar dos riscos que correm, resolveram contar, pela primeira vez, ao **REPORTER** suas experiências no Brasil:

— Meu nome é Juan. Há dois anos estou no Brasil. Tive que fugir de Rosário (interior da Argentina) porque eu era delegado de seção de uma fábrica e os militares estavam atrás de mim. Quando cheguei em São Paulo, morei numa pensão perto da Estação Rodoviária. Depois de um mês estava sem dinheiro e não conseguia trabalho. Eu ia aos bairros de periferia e me oferecia como pintor. Cheguei a pintar uma casa inteira em troca de comida. Agora tenho um bom trabalho, mas como não tenho papéis para morar no Brasil, cada seis meses tenho que ir à fronteira renovar meu visto.

Juan trabalha numa fábrica, junto com outros

uruguaios e argentinos. O esquema é clandestino: eles batem o cartão de ponto e guardam consigo, para o fiscal não saber. Trabalham no fundo da fábrica, e se chega alguém estranho eles são avisados e saem por alguma porta. O dono da fábrica aproveita-se da situação e exige deles o máximo. Diz Juan:

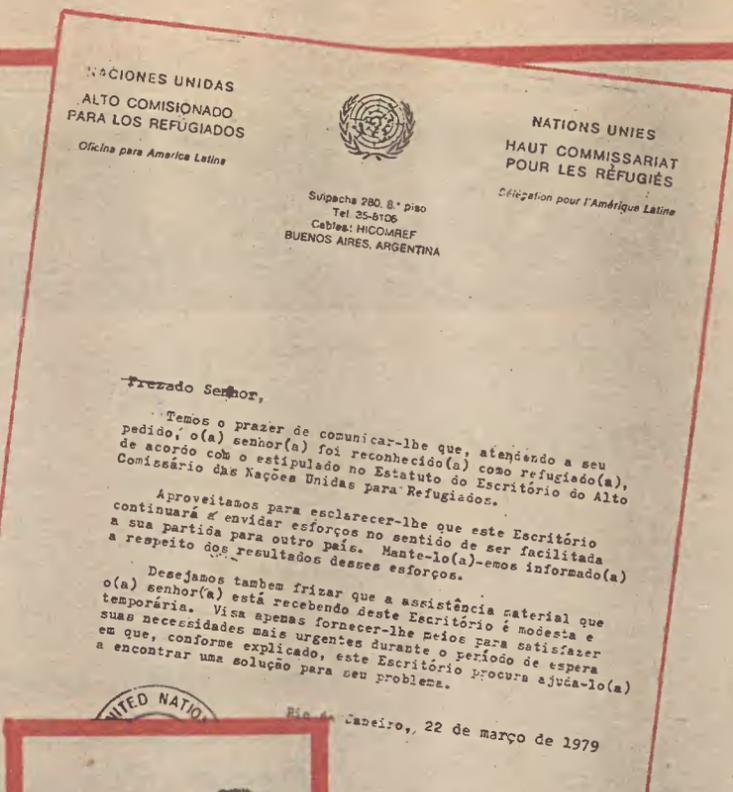
— No começo, ele me obrigou a trabalhar sete semanas seguidas das 7 da manhã às 10 da noite, inclusive sábado e domingo. Eu não podia recusar. Na época das greves do ano passado também foi muito duro: nós, exilados, tivemos que ficar trabalhando.

Juan não se sente seguro no Brasil, muito pelo contrário:

— Tenho amigos brasileiros, mas tenho que me cuidar. Não posso sair muito tarde da noite, porque corro o risco que me peçam documentos e o visto. Sei de gente que já foi deportada por causa disso. Mas ainda não tive problemas com o DOPS.

Um compatriota de Juan não teve a mesma sorte: ao alugar um apartamento em São Paulo entrou numa fria. Ele não quer dizer seu nome.

— Como estava sem documentos, não quis preencher a ficha para o DOPS, exigida pelo zelador. Quinze dias depois, o zelador "contou confidencialmente" à dona da casa que o DOPS havia perguntado por mim e já estava me seguindo. Um carro de quatro portas, com um gordo enorme ao volante, ficou uma semana inteira em frente ao prédio. O gordo estava sempre lendo a mesma revista **Isto É**, com a capa sobre a volta dos exilados. Depois, desapareceu. Claro que eu saí desse apartamento.



Esta é a carta que a ONU dá aos refugiados políticos e que o Brasil não reconhece.

A dificuldade de morar é tão grande que há exilados apelando para soluções bastante criativas. Corre, entre eles, a seguinte história:

— Uma uruguaia se casou com um travesti e dessa maneira conseguiu residência no Brasil. Os benefícios foram mútuos. Ela pegou a carteira modelo 19 e (que permite a residência no país) ele deu uma satisfação à família, pois casaram-se no interior, onde moram os pais dele.

Em média, os refugiados ficam dois anos no Brasil. É o tempo que leva para serem aceitos por algum país europeu (o que está cada vez mais difícil). Enquanto uns se vão, outros chegam — a repressão continua forte, principalmente na Argentina. Tanto que pessoas escondidas no Brasil continuam sendo procuradas em seus países, como conta um ex-metalúrgico argentino:

— Há dois meses houve uma greve na fábrica onde eu trabalhava, na Argentina, e a polícia foi de novo me procurar em casa de minha mãe.

Há muitos jovens entre os refugiados, como Eduardo, de 20 anos. Ele

teve que fugir de Buenos Aires quando um colega de faculdade, com quem alugava um apartamento, desapareceu. Eduardo estudava Direito e trabalhava num banco. Aqui no Brasil, se vira como auxiliar de escritório, mas é obrigado a mudar de emprego no máximo de cinco em cinco meses:

— Cinco meses é o tempo que me dão para eu apresentar os papéis. Como não os tenho, sou obrigado a arrumar outra colocação, e assim por diante. Gostaria de continuar estudando, mas com o salário que ganho, isso é uma ilusão. De qualquer maneira, estou mais tranquilo aqui que na Argentina.

O clima de "abertura política" não entusiasma os refugiados. Eles estão mais preocupados agora do que no ano passado, pois a tensão social é maior e eles temem uma reviravolta. A preocupação de quase todos eles está nessas palavras de Washington, uruguaio de 40 anos, pai de dois filhos, advogado, mas que no Brasil trabalha como caixeiro-viajante:

— Vivi dois anos na Argentina desde que saí de Montevideú, mas em 1976, quando a situação ficou perigosa lá, vim pro Brasil. São três anos que estou aqui. Não entendo muito bem porque, mas justamente agora que parecia que haveria mais liberdades, agora que os exilados brasileiros voltaram, sinto uma intranquilidade e me recordo do que aconteceu na Argentina em 1974, 75: abertura para algumas liberdades, seguida de um duro fechamento.

## TELEX

• **ÁFRICA DO SUL:** Uma nova organização racista, a "Odal Klan", acaba de ser fundada na África do Sul, sob o sinistro lema de "Os brancos são homens superiores". Esta nova organização, inspirada no modelo da juventude hitlerista da Alemanha e no Klu Klux Klan americano, conta já com 5 mil membros.

• **CHILE:** O Partido Comunista Chileno não abre mão da possibilidade de luta armada contra o regime do general Pinochet. Numa entrevista coletiva clandestina dada no mês passado, na capital chilena, os dirigentes comunistas Pedro Veas e Manuel Chacón disseram que sua organização "adere à via pacífica, sem descartar a luta armada como método para derrubar a ditadura militar que governa o país".

• **URUGUAI:** Palavras de um militar, coronel Silva Ledesma, tentando convencer a imprensa de que em seu país há liberdade democrática: "Todos os dias são postas em liberdade algumas pessoas, umas vezes por cumprimento da pena, outras por liberdade antecipada ou boa conduta. Mas também, às vezes se faz por razões humanitárias. E, em alguns casos, como de enfermidades graves (devido a torturas sofridas), põe-se em liberdade o réu para que passe os últimos dias com sua família". Quer dizer, para que morra em sua casa e não nos quartéis.

• Um grupo de mercenários norte-americanos invadiu, 23 de novembro, a ilha de Espirito Santo, uma das mais importantes do arquipélago das Novas Hébridas, no Oceano Pacífico, e controla a situação depois de expulsar as autoridades locais e cerca de 30 policiais. O grupo é chefiado por um latifundiário que há cinco anos tentara apoderar-se da ilha de Abaco, nas Bahamas, no Oceano Atlântico, com apoio de vários negociantes influentes na região.

O principal objetivo dos aventureiros seria tornar a ilha de Espirito Santo, de 20 mil habitantes, numa "zona de comércio livre" e estender a influência de Washington sobre a região, quando a França e a Inglaterra se retirarem das Novas Hébridas em 1980.

As Novas Hébridas, que há três quartos de século vive sob dominação franco-britânica, deveria eleger em breve uma assembléia representativa e vários conselhos gerais, última etapa que conduziria o arquipélago à independência.

# ESPERTAS

## Mulheres vs. curra, silicone e esquerda



### Periferia discute "estupro"

A matéria "Estrupo em família" que saiu no número passado do REPORTER foi discutida pelas mulheres do Clube de Mães do bairro de São Domingos, em Osasco, SP.

Mulheres que viveram em cidades pequenas do sertão da Bahia, Pernambuco e Paraíba contaram, com certa vergonha ou temor, que o estupro em família é muito freqüente nesses lugares. Glauce, uma das que mais falaram, relatou:

— Na minha cidade (na

Bahia), estes casos são muito comuns. A baiana de 13 anos já é praticamente uma mulher. Por causa do trabalho diário na roça, seu corpo, nessa idade, já é bem formado. Então, o pai trata de fazê-la. Eles normalmente dizem: filha minha, antes de sair por aí rodando, tem que passar por minha mão. A filha não quer, e o pai bate nela, muitas vezes prende até a boca da menina pra ela não morder.

Hélio Belik



### Grã-finas vão na onda dos travestis

Se a sua mulher parece uma passa — de tão seca e enrugada — e chegar em casa, qualquer sexta-feira dessas, bunduda que nem no tempo de solteira, ou com as maçãs do rosto esticadinhas, desconfie...

E pode ter certeza que madame anda freqüentando o Luís Paulo, um curioso que, no oitavo andar da Galeria Condor do Largo do Machado, vem se dedicando à última coqueluche das grãfinas do Rio: auto mutilação através de injeção de silicone.

O silicone, substância que se diz cancerígena, é o que os travestis vêm usando, há muito tempo, para fabricar seus peitos artificiais. E que, agora, chega à cara das dondocas, sem orientação médica nem nada. É chegar, pagar três milhas e levar duas ferroadas, uma em cada lado da bochecha. O que Luís Paulo não diz é que, além do perigo do câncer, o silicone tem outros inconvenientes: às vezes, escorre e, em lugar de deixar mais cheias as maçãs das deslumbradas, pode deixá-las com uma papada ainda maior. E dura. Como, cavalheiro? Se Luís Paulo também endurece a flacidez dos homens? Não, Luís Paulo só trata de nádegas peitos e rosto.

José Antonio Nonato

### Esquerda ataca discussão de pernambucanas

Nos dias 11 e 2 de fevereiro um grupo de mulheres de Olinda e Recife promoveu um encontro aberto para discutir vários assuntos que dizem respeito à libertação feminina. Os temas centrais eram: "O por que do movimento de mulheres" e "como levar adiante a luta da mulher".

Foram discutidos assuntos como sexualidade, discriminação no trabalho, trabalho e emprego doméstico, controle da natalidade, com a participação de mulheres de outros estados nordestinos.

Convém dizer que foi um parto difícil para o Ação Mulher, sair dos fundos da casa, dos lugares íntimos e obscuros aonde as mulheres naturalmente discutem seus problemas e chegar na porta da rua dizendo: Olhem nós existimos e queremos falar.

Além das dificuldades comuns a todos os grupos de mulheres que tentam se organizar, como a desconfiança feminina, o silêncio, o medo de falar em público e outras coisinhas mais, as mulheres de Recife também enfrentaram durante mais de um ano e meio muitas pressões externas.

De um lado a carga pesada e tradicional da família e do machismo canavieiro pra quem até hoje lugar de mulher se não for na cozinha é no puteiro. Mas não foi só isso, já que também do outro lado dito 'progressista', o comentário mais comum era que "papo de mulher é secundário, só faz desviar a atenção da questão central da luta de classes etc. e tal".

Mas como diz o velho ditado, água mole em pedra dura tanto bate até que fura assim a teimosia foi mais forte que a maré vazante e o grupo conseguiu finalmente crescer e chegar na porta da rua pra falar das suas reivindicações.

Sonia Corrêa

Os 80 mil habitantes de Paulo Afonso, Bahia, bebem água totalmente poluída. Paulo Afonso está cercada por cinco usinas hidrelétricas — a mais famosa tem o mesmo nome da cidade — e as usinas formam lagos cuja água a população consome. Acontece que nos lagos desaguam todos os esgotos da região e o tratamento é nenhum. Aliás, a estação de tratamento está sendo construída há oito anos e não fica pronta por falta de interesse do governo. Frederico Fausto, vereador da ex-Arena, diz que o governo Antonio Carlos Magalhães não dá bola pro lugar "porque é escassamente povoado,

portanto pouco rentável politicamente".

No ano passado, o governo baiano publicou lista de cidades que têm água tratada, e Paulo Afonso estava incluída. A população ficou revoltada com a mentira da Empresa Baiana de Saneamento, Embasa, contra a qual existe uma verdadeira "frente única" na cidade, formada por estudantes, comerciantes, vereadores, sócios do Lions Clube. Nicolson Chaves presidente da Associação Comercial, contou que a última da Embasa foi aumentar em mais de 100% a taxa mínima da água contaminada: de Cr\$ 45 para Cr\$98.

Eduardo Homem

### João Gilberto

#### passa fome

Dia 25 de janeiro, o cantor João Gilberto completou 20 dias trancado num quarto de hotel. Ele se "isolou" sozinho e é visitado apenas pelos mais chegados no apartamento 902 do Hotel Eldorado de São Paulo. Mas o mais trágico é que a gravadora de João, a Warner, está pagando apenas as diárias, a comida não, e por essa razão, no mesmo dia 25 faziam 12 dias que João

não comia nada. A informação é dos camarheiros do hotel. Eles contam que nos primeiros dias a Warner pagava também as refeições de João e mesmo assim ele só beliscava alguma coisa. O único passatempo de um dos gênios da música tem sido assistir tv em seu quarto com o som desligado. Além da velha mania de falar no telefone até por uma hora seguida. João não quer que os amigos se preocupem com ele: garante que o "isolamento" acabará antes do carnaval, quando irá à Bahia para em seguida voltar aos Estados Unidos.

### Revista italiana

#### quer a maconha livre

Uma das principais revistas da Europa, a italiana L'Europeu, resolveu apoiar a proposta do Partido Radical para a legalização da maconha na Itália, "pois a não periculosidade desta substância está amplamente demonstrada em todos os níveis, inclusive jurídico."

Além do Partido Radical, várias personalidades italianas se manifestaram a favor da descriminalização da maconha. Na lista das primeiras adesões à proposta, L'Europeu publica os nomes de 50 pessoas — deputados, jornalistas,

médicos, sociólogos, senadores, professores — entre elas o próprio diretor da revista, Mário Pirani.

Segundo a revista, "a absurda perseguição aos consumidores, cultivadores e fornecedores da maconha deve cessar imediatamente, pois o álcool e o tabaco, reconhecidamente danosos à saúde, são usados sem problemas. E no final da lista, L'Europeu avisa aos seus leitores: quem quiser aderir à briga que é só escrever para lá. É uma idéia, é uma idéia. Qualquer coisa, caríssimos leitores, estamos aí.

Chico Júnior

# ESPERTAS

## Kubitschek tinha amante na via Dutra

A morte do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira não foi um mero acidente na rodovia São Paulo-Rio; não se tratou de uma "fechada" no carro feita por um motorista de ônibus. Acontece que há alguns indícios de que sua morte tem algo a ver com a repressão política do chamado Cone Sul, e há inclusive algumas particularidades bastante incríveis com a morte de Orlando Letellier, ex-ministro de Allende, um chileno assassinado devido

à sua atuação política mais chegada ao povo.

Esta é a tese que foi levantada inúmeras vezes pelo deputado federal Airton Soares, da bancada dos autênticos. De repente, Airton recebe um recado de dona Sara, viúva de Juscelino, dizendo que ele deveria parar de fazer insinuações desse tipo, porque se fosse feita uma investigação mais demorada, como queria o deputado, apareceria um problema para ela. É que, segundo Airton, o velho Juscelino tinha uma amante às margens da via Dutra, e voltava para casa justamente depois de dar uma trepada com ela, fato conhecido por Dona Sara.

Rivaldo Chinen

## TRABALHADORES, 2 a 0

### Bóias-frias fundam sindicato

Bóias-frias de São Paulo vão ter sindicato. A notícia é de Guaimbê, cidade da região noroeste do Estado, de 7 mil habitantes, metade dos quais vive no campo. Pequenos proprietários, meeiros, arrendatários e bóias-frias já estão se inscrevendo e as eleições da primeira diretoria estão marcadas. O candidato a presidente e a outros cargos de direção são todos bóias-frias, o que já é um bom indício. O sindicato seguramente não estará nas mãos dos patrões.

Quando o Sindicato dos Trabalhadores Rurais começar a funcionar os bóia-frias estarão mais fortes para enfrentar problemas, como o que surgiu no ano passado, na região de Lins. Houve uma verdadeira greve de bóia-frias, que durou um dia, porque os "gatos" quiseram diminuir a diária de Cr\$ 100 para Cr\$ 80. Os trabalhadores se recusaram a subir nos caminhões e só voltaram a trabalhar quando os "gatos" voltaram atrás.

Rivaldo Chinen

### Operários são anistiados

Os profissionais e trabalhadores afastados de suas funções por razões políticas desde o golpe militar em 1964, obtiveram mais uma pequena vitória na luta pela reintegração em seus cargos ou a indenização a que tinham direito. Oito trabalhadores, funcionários da Mafersa S.A., afastados desde 1964 juntamente com outros 32 entram na justiça com pedidos de reintegração. A empresa não quis reintegrá-los às antigas funções e propôs um acordo em que indenizava os trabalhadores pelo tempo de serviço.

O total pago aos trabalhadores, após acordo realizado no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo foi de cerca de Cr\$ 1,5 milhão. Diga-se de passagem que a mesma empresa apresentou um lucro disponível em 1978 da ordem de Cr\$ 666 milhões.

Os advogados que acompanharam o caso, entre eles Suely Perrone, afirmam que todos os trabalhadores afastados ou demitidos por razões políticas em virtude da Lei da Anistia, podem entrar na justiça solicitando suas readmissões ou indenizações.

Raquel Soares



Foto de Laureci Altino Cordeiro

## Greve nacional, promete a UNE

No flagrante, uma das cenas da rocambolesca visita de Figueiredo a Florianópolis, em novembro passado. Sete estudantes foram responsabilizados pelo tumulto e serão julgados em janeiro. Podem ser condenados de um a quatro anos de prisão, por "ofensas ao presidente da República", artigo 33 da Lei de Segurança Nacional. Se houver condenação, a União Nacional dos Estudantes — UNE — promete uma greve nacional logo no início das aulas, em março.

## Nova Iguaçu queima dinheiro

A Prefeitura de Nova Iguaçu, RJ, vai gastar Cr\$20 milhões no carnaval, incluindo ornamentação da cidade, construção de arquibancadas, subvenção de blocos e o Grande Baile Iguaçuano, que será realizado num clube de elite — anunciou o Presidente da Comissão de Carnaval, Alkir Lopes. Simultaneamente e em local diferente, evidentemente, o Prefeito Ruy Queiroz, pediu a seus Secretários Municipais "contenção de despesas de todos os órgãos públicos, para possibilitar a intensificação do programa de saneamento básico".

## Dois livros da pesada nas ruas

Depois de ser traduzido na França, Itália, Inglaterra, Tchecoslováquia e outros países, o poeta Aricy Curvelo chega às bancas e livrarias do Brasil com o seu primeiro livro, *Os Dias Selvagens Te Ensinam*. Lançado pela Editora Vega, Aricy é considerado por alguns críticos, como Fabio Lucas Curvelo, "tão influente quanto Carlos Drummond de Andrade".

Outra novidade do começo do ano será um livro a respeito do projeto Jari, ainda sem título. Os repórteres Caco Schmidt, Najjar Tubino e Zhé Netto passaram 16 dias visitando clandestinamente o país de Ludwig. O lançamento é da Codecri.

## Wanda Figueiredo estourando na praça



• Pedidos para Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda.  
Rua Miguel Couto, 134, 11º, tel. 253-5038, Rio de Janeiro.

Cr\$ 150,00 cada.

## Correio Homossexual

• Vi a reportagem sobre Dom Paulo em relação à moral da Igreja Católica em relação ao homossexualismo. Sou, também, ex-religioso e ainda trabalho como agente de Pastoral, e sou gay.

Acho que a simples proibição da atividade homossexual está longe de ser uma moral elaborada. E, lógico, é a posição de celibatários. Então, pediria a vocês (ou a Maria José, que assinou o artigo) que me mande o endereço desse grupo que pretende discutir com Dom Paulo a respeito de homossexualismo e religião. (Terêncio Hill, Campinas, SP)

**N.R. Terêncio, pode aguardar que o grupo fará contato com você.**

## CORREIO HETEROSSEXUAL

1 "Moças e senhoras, ansiosas em desfrutarem um relacionamento sócio-sexual, sadio e gostoso. Em busca da libertação de estímulos altamente gratificantes e de uma vivência maior. Escrevam-me: Nero Ribamar — Caixa Postal, 010 — 20170 — Rio de Janeiro — RJ."

2 "Embora o Evaldo Silva não ache lá muito original a idéia de Nelio Enriquez, de se criar a coluna "Correio Heterossexual", eu, particularmente, acho que essa idéia vem de encontro a muitos leitores

deste jornal, que além de esperarem um mês para tomarem conhecimento das sacanagens que andam fazendo com o povo, possam criar também novas amizades, quer por meio de correspondências, como de "transas".

Aproveitando o ensejo, mando as minhas características aos jovens de ambos os sexos: tenho 37 anos, 1,75m, 78 kg, corpo atlético, moreno claro, cabelos e olhos castanhos escuros. Cartas com fotos para a rua Visconde de Ouro Preto, nº 62 — 3º andar — GEPRO — Botafogo — RJ." (Alfredo Ciuccio de Magalhães).



## Táxi-pirata ataca também em Corumbá

"Tendo lido com muita atenção as suas reportagens, sinto que finalmente já se faz no Brasil uma imprensa real, voltada para os interesses do povo, daquele que sofre injustiças. Estou enviando alguns exemplares do jornal A Gazeta, onde somos um modesto repórter. E como no REPORTER apareceu um artigo sobre os táxis-piratas, envio-lhes um exemplar nosso, onde o maior problema dos taxistas de Corumbá é a piratagem dos táxis bolivianos. Outro assunto muito

importante é sobre a prefeitura de Corumbá, onde agora o governo tem se revelado um verdadeiro atentado à democracia: demissões, perseguições, mordomias, desvio de verbas, agiotagem, politicagem, etc. No momento, o Conselho de Entidades de Classes está preparando um abaixo-assinado, com mais de uma centena de assinaturas, para ser enviado ao governador do Estado e presidente da República."

(Benedito Lima, Corumbá, SM).



## GARSON DEVE GELADEIRA AO COMPRADOR

"Em 14 de dezembro de 1979, tendo recebido meu 13º salário e necessitando comprar uma geladeira que daria de presente de Natal à minha esposa, dirigi-me a diversas lojas à procura do melhor preço. Chegando à Garson, loja Botafogo, o vendedor ofereceu-me o melhor preço e, assim, resolvi comprá-la naquela loja. A referida geladeira encontrava-se em falta na cor desejada,

mas o vendedor assegurou-me que mandaria entregá-la até o Natal. A geladeira foi paga à vista, no ato da compra e, até agora, decorrido um mês, nenhum sinal da mesma. Milhões de desculpas são dadas, mas não se vê a solução. E isso em pleno mês de janeiro quando mais se tem necessidade de geladeira, e com minha esposa grávida.

Não há sequer um órgão

que possa defender o pobre do comprador. O mesmo produto, no espaço de um mês passou de Cr\$ 6.700 para Cr\$ 9.840, não me possibilitando receber de volta o dinheiro para efetuar a compra em outra loja.

É isso aí, os grandes sempre em cima dos pequenos! Cuidado com a Garson!!! (Procópio Panajote, Papanis, Rio de Janeiro, RJ)

Quero dirigir a toda equipe do REPORTER um elogio especial por duas matérias de excelente qualidade, *Estupro e a Cidade de Deus*, que vêm comprovar o compromisso em mostrar uma imprensa sem restrições, com uma linguagem dia a dia e verdadeira. As duas reportagens foram simplesmente impressionantes e mostraram o miolo da coisa, o problema desde a raiz.

Confesso que na matéria sobre estupro as declarações são tão autênticas que chegaram a me dar pavor, mas devo dizer que é mais do que certo, é necessário mostrar este assunto, como foi mostrado, para que as pessoas tomem conhecimento do que realmente acontece a sua volta. A famosa *Cidade de Deus*, tão "cantada em verso e prosa" por tantos outros jornais, só foi mostrada em detalhes pelo REPORTER. (Cristina O. Sequeira, Rio de Janeiro, RJ).

## Esquerda exigente, sim.

## Intransigente, não.

"Não conheço a Norma Sá Pereira, mas me chamou a atenção uma posição que ela assumiu (que foi publicada no número passado) pedindo reflexão à esquerda. Principalmente a reflexão daqueles que pensam que a individualidade, cultura e costumes das pessoas são propriedades de ideologia dos grupos deles. Eles querem moldar a gente da maneira que entendem como sendo certa. Aquele comentário que fizeram (em vez de nos atacar, por que você (Norma) não ataca a ditadura?), a pretexto do que escreveu a Norma, é a prova de que alguns querem apenas confundir. Eu não discuto alimentando uma discussão para dividir a esquerda — e este argumento denota fragilidade? — neste momento importante de reafirmação, de reconstrução dos movimentos de base políticos. Achei válido, sim, o desabafo de quem já penou nas garras da repressão. E não temeu reclamar o encabrestamento que certas pessoas desejam exercer sobre os outros, aparentemente dóceis.

Será possível que os intransigentes não percebem? O trabalhador, o intelectual, o analfabeto, que agora está sendo contactado, não pode — e não deve abrir mão — de determinadas prerrogativas, tornar-se acrílico para as

rabujices dos caras doutrinadores. O momento é este companheiro; entender-se com as bases, tornar-se amigo, construir junto, dividir igualmente o poder de decisão, este é o trabalho. E não há lugar para os dependentes ideológicos da esquerda ortodoxa.

O jogo da direita é a corrupção. Arregimentar pela corrupção é o bom negócio deles. A esquerda, já que não quer que permaneça esse vício num outro regime próximo, que continue unida, mas sem intransigência. Os ranhetas que se cuidem, pois os paranóicos também têm inimigos de verdade.

São sérios os riscos de uma consciência prevalecer sobre as outras — criando uma falsa consciência — não se esqueça, companheiro. Quando você chega para mim e diz que devo cercar a minha conduta, terá que pedir isto e caminhar comigo. Mas com toda a honestidade, seja maleável e admita também suas fraquezas, o seu desconhecimento na maneira de conduzir determinados trabalhos. As realidades são diferentes — que jargão chato, cacete! E será preciso frisar sempre: ninguém é de ferro, para viver eternamente entre o silêncio e o berro. Chiou com dignidade a Norma." (Lulz Ferrão — Nova Iguaçu, RJ.)

## Briga ecológica é com a gente mesmo

“Será que REPOR-TER compra uma briga ecológica? Por favor, tomem consciência do que está acontecendo na cidade onde os senhores moram. Onde eu moro. Onde moram seis milhões de pessoas! Olha, se eu fosse vocês abria um espaçozinho no jornal e todo santo mês metia o pau no que tão fazendo com uma cidade que — juro — tinha tudo pra ser a mais bonita do mundo (conheço mais de 150 cidades por aí fora; dá pra avaliar).

Comecei a escrever assim que cheguei em casa, depois de ter passado pelo parque Lage onde, ao lado, já estão em fase de acabamento, os edifícios cujas obras o falecido prefeito Marcos Tamoio (quando ele recebeu o cargo — in memoriam — já era falecido) em bora hora embargou. Na época, lutou o professor Marcello Ipanema mas sem sucesso! É só dar uma busca nos arquivos e vão encontrar a causa do embargo da obra: o rebaixamento do lençol d'água pra fazer as obras tava matando uma porrada de árvores no parque. É oportuno saber quem e por quanto

liberou as obras, não é? Por falar em quem, lembro que o Pasquim comentou há algum tempo sobre a “doação” do morro Dois Irmãos a uma construtora! Mas ficou nisso.

O falecido prefeito Israel Klabim deu entrevista na TV dizendo que é contra a cobrança de ingresso na Floresta da Tijuca por que (observem o motivo do santo) aos domingos, a área adjacente à entrada da Floresta se tornaria um caos, devido à demora para pagamento do pedágio — quem, mandou ir de carro!

Olha gente, eu topo uma guerra ecológica com as ditas autoridades se os mestres do assunto encararem-na em primeiro lugar. Vocês dão o apoio e começam a coisa, ok? Consultar o arquiteto Marcos de Vasconcelos (desmatamento do Sumaré), professor Manes Bandeira (assessor jurídico da Light) quanto à história da Floresta da Tijuca. Que apareça um Ruschi, um Lutzenberger carioca enquanto é tempo (se bem que já não seja).” (Eduardo Chaves — Rio de Janeiro, RJ)

**N**os pedágios das rodovias paulistas, caixas-frias funcionam na calada da noite, cobrando pedágios dos veículos que por ali transitam. Estou fazendo esta denúncia porque domingo p.p., um guarda da DERSA obrigou-me a entrar num “box” que estava com luz vermelha. Dessa maneira o mecanismo eletrônico de contagem de veículos não funciona. Pedi um recibo ao aborrecido funcionário, e, ele me jogou três na cara sem autenticação. Também não poderia autenticar com a máquina desligada. A quadrilha é bem organizada. Tem até rádio para avisar a aproximação do fiscal. Pergunta: quem fiscalizará os fiscais? (Paulo Roberto P. de Alencar — Carapicuíba — SP).

“**T**odos sabem sobre a Cidade de Deus, e das injustiças contra ela lançada; sobre Ipanema e o topless agitando as praias cariocas; sobre cantores nacionais esquecidos e internacionais em plena fama no Brasil; sobre jovens que caem nas garras dos marginais da cidade grande e viram vítimas de suas sádicas brincadeiras de amor. Enfim, todos estão bem informados sobre o que se passa no mundo contemporâneo, mas pouca coisa se faz por ele, pois o amor à vida está morrendo no fundo de cada pessoa, só restando o amor pela tecnologia”

(Tadeu O. Marins, Rio de Janeiro, RJ).

## FAVELADO É UM CIDADÃO

Lá vai o favelado, humilde, pensativo e comportado. Lá vai o favelado, ignorado por alguns, por outros humilhado. Lá vai o favelado Ele é igual a todos. É quem paga dobrado, Por que ele é favelado? Porque o direito dele é ignorado! Porque não é conhecido como um ser capacitado, e com isso não consegue caminhar de braços dados. Nos setores mais famosos, ele é discriminado. Até dentro de seu lar ele sofre atentado. E se acaso reclamar ainda é ameaçado. Bota a boca no trombone amanhece amordaçado. Viver na favela é bom, é só não nos faltar a comida. Muitos não trocam seus barracos pelos apartamentos da vida. Favelado tem sua linguagem Favelado tem bom coração. Os atos por ele praticados culpado é o arroz e feijão. Se não fosse a guerra da fome favelado era um cidadão.

Marcão, compositor-cantor do Vidigal, favela da Zona Sul Carioca



## Coisinha do pai

“Quando você mexe, vira e revira pra achar uma posição mais cômoda, ou apenas nada na barriga da mamãe, eu acho que cê tá querendo dizer alguma coisa. Acho que é um choque ou um toque. Você é uma criança que já sabe dançar. Eu percebo pela sua maneira de rolar aí no útero materno.

Acho mesmo que você está achando esse espaço (que lhe foi reservado por nove meses) muito limitado para seus embalos. Quando você chuta, dá aqueles chutes abalando nossos corpos (o meu e o de sua mamãe...) me parece que cê tá querendo dizer que é chocante.

Cê acha bonito quando ficamos “os três” unidos num abraço, seu espírito fica livre descarregado. A gente percebe que tudo muda, é uma revolução mental. Nós vamos mesmo fazer esse jogo juntos. O suave desvario dos meus

sonhos trás você sorrindo. É uma fotografia. Este é um sonho místico lá no Amazonas. É um filme.

Cê tá vindo aí, num se aveche não. Você vai iluminar o planeta no início dessa década que tá pintando “nova era”. Tempo de mudar... assim... tomada de choque.

Cê vai nascer na folia, fevereiro, carnaval e alegria. Quando você chegar, a gente vai ouvir muito o Jorge Mautner e Luiz Melodia.

Será que vou tocar rock?

Acho que a Baby Sperança vai escrever alguns versos. O Joênio e o Ray (seu padrinho) prometeram quadros... O Ray é uma espada de luz. Você vai gostar dele. A madrinha ainda não pintou, assim como seu nome. Pensei em Torquato. A mamãe Baby disse que quando você tiver 50 anos, talvez este sirva.

Tô pensando aqui... se você nascer menina. Se você nascer menina seu nome vai ser

Naiade ou Manhã, ok? Eu acho esses nomes bonitos.

A Baby disse que quer te ver primeiro pra saber com qual nome você se parece. Ela disse que talvez você pinte com uma cara de Altina ou de Joaquim...

Quando você pintar por aqui, acho que vou chamar o sol pra te conhecer. Quero que cê seja muito amigo (a) da natureza. A lua vai te iluminar. Vou abrir a janela. Tô te esperando pra gente conversar.

A gente vai ter muito que aprontar.

A gente vai brincar.

Acho mesmo que ninguém vai conseguir saber quem é mais criança: se sou eu ou você.

Legal, cê vai nascer no verão.

Eu nasci na primavera.

Tchau. Um beijão na ponta do narizinho.

Aroldo Pereira, Montes Claros, MG.

# ESCALAMOS A SELEÇÃO PRA COPA DA ESPANHA

Reportagem de Maria Helena de Araújo



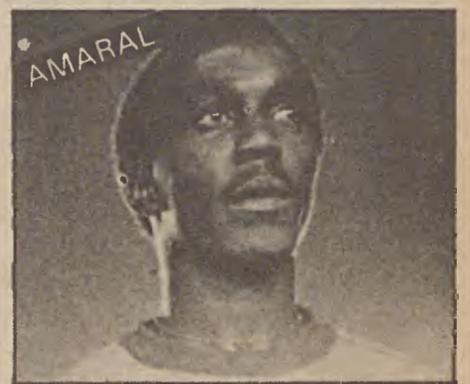
7 votos



4 votos



3 votos



8 votos



9 votos



10 votos



11 votos



9 votos



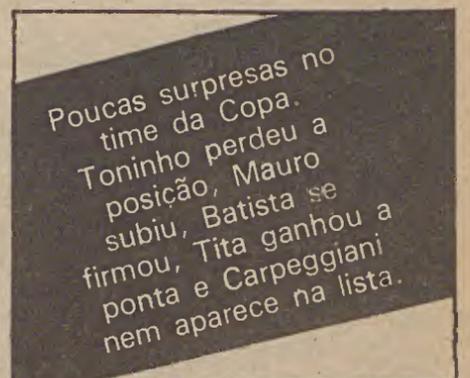
7 votos



5 votos



8 votos



Poucas surpresas no time da Copa. Toninho perdeu a posição, Mauro subiu, Batista se firmou, Tita ganhou a ponta e Carpeggiani nem aparece na lista.

**Q**ual será a Seleção Brasileira de 1982? A pergunta está na ponta da língua de cada torcedor brasileiro neste início dos anos 80. A curiosidade em torno do assunto é enorme, principalmente agora que o novo presidente da CBF, Giulite Coutinho, espera dar melhores rumos ao futebol brasileiro. Mas quem seria capaz de responder com exatidão a tal pergunta, se nem mesmo o técnico, o homem que vai comandar as feras, foi escolhido?

Só mesmo fazendo uma pesquisa nas ruas poderíamos talvez chegar a uma equipe. No entanto, levando-se em consideração a paixão clubística e bairrista do torcedor chega à conclusão que o

resultado não seria lá muito convincente. Partindo deste princípio é que REPORTER resolveu escolher onze jornalistas esportivos, que vivem o dia a dia do futebol, nos clubes, nos campos, nos bastidores junto à dirigentes da CBF, para que cada um escalasse a sua equipe, projetando o pensamento no futuro e levando em consideração itens da maior importância, como por exemplo: idade, capacidade físico-técnica, classe, categoria e desinibição em relação a uma Copa do Mundo.

Apurados os votos, o resultado não chegou a ser surpreendente, a não ser em algumas posições de titulares. No entanto, a Seleção reserva apontou muita gente nova e inexperiente em Seleção, capaz de chegar a 82 com

todo fôlego e disposição. De acordo com as 11 seleções escaladas, a equipe titular ficou assim definida: Leão (7 votos), Mauro (4 votos), Oscar (3 votos), Amaral (8 votos), Júnior (9 votos), Batista (10 votos), Falcão (11 votos), Zico (9 votos), Tita (7 votos), Sócrates (5 votos) e Zé Sérgio (8 votos).

Na Seleção reserva algumas surpresas, que se bem analisadas, poderão tomar o lugar de alguns titulares: Carlos (2 votos), Toninho ou Rosemiro (3 votos), Polozzi ou Mauro Galvão (2 votos), Mauro Galvão (2 votos), Pedrinho (2 votos), Guina (1 voto), (Falcão eleito por unanimidade, não teve escolhido o seu reserva), Carlos Alberto ou Paulo Cesar (1 voto), Jorginho (2 votos), Roberto (3 votos) e Joãozinho (3 votos).

Sem dúvida nos reservas, ou seja, nos segundos mais votados é que estão as opções para a Copa na Espanha. Mauro Galvão, um garoto de 18 anos, campeão brasileiro pelo Internacional e que esteve na Seleção que disputou o Pré-Olímpico na Colômbia, foi considerado titular absoluto por alguns, o mesmo acontecendo com Jorginho, ponta-direita do Palmeiras; com 20 anos. Até mesmo Carlos Alberto, do Palmeiras foi lembrado para o meio campo, disputando a posição de reserva com o controvertido Paulo Cesar Lima.

No meio destas 11 seleções escaladas pôde-se também tirar outras conclusões surpreendentes: Falcão, a julgar pela unanimidade dos votos, será o grande craque da Copa

de 82, coisa que no momento é encarada até com uma certa naturalidade, levando-se em consideração as últimas atuações do jogador, premiado recentemente como o melhor do futebol brasileiro na temporada de 79, o que representa um número aquém da expectativa. Aliás alguns jornalistas que não votaram no seu nome ou até mesmo aqueles que optaram por ele, fizeram restrições. Sandro Moreira, do *Jornal do Brasil*, por exemplo, escalou Baltazar, do Grêmio, para a posição de centro-avante e justificou a ausência de

Sócrates, sempre com a habitual ponta de bom humor:

— Ele bebe muita cerveja!

Outro cronista que fez sérias restrições à sua escalação, mesmo tendo votado nele, foi Sergio Noronha, da TV Educativa:

— O Sócrates precisa antes de mais nada mostrar-se interessado na Seleção. Ele mesmo já declarou que na sua vida a Seleção não é a coisa mais importante, o que eu acho muito justo. Mas para um jogador ir à Copa do Mundo, é preciso ter interesse pela coisa, se cuidar e, por enquanto, ele ainda está dividido entre o futebol e a medicina.

Pelos votos: o reserva de Sócrates é Roberto, mas outros apareceram, como por exemplo Bira, do Internacional, Reinaldo, do Atlético e Baltazar, do Grêmio. A lateral direita também foi um parto difícil. Dos 11 jornalistas ouvidos, nenhum deles tinha o nome certo de imediato. A maioria levou de cinco a 10 minutos para escolher um nome, assim mesmo sem muita convicção. Mauro, do Guarani, acabou levando a melhor sobre Toninho, Nelinho e Rosemiro (o reserva, empatado com Toninho). Para muitos, Toninho e Nelinho estão fora de cogitação, pois até lá não apresentarão condições físicas ideais, devido à idade.

E o capitão Carpeggiani? Apesar do futebol que

apresentou no tricampeonato do Flamengo e da liderança que exerce dentro e fora do campo, não foi sequer lembrado. Todos acharam que ele já terá inclusive, abandonado o futebol quando chegar a época da Copa. Estará com 33 anos e, pelo cansaço que já apresenta em algumas partidas, não terá mesmo vaga na equipe. O meio-campo, aliás, foi o setor em que os jornalistas tiveram menos dificuldades em votar. Batista recebeu 10 votos, ficando Guina, do Vasco, com um; Falcão obteve a totalidade, enquanto Zico recebeu nove. O meio-campo, portanto, pode-se dizer, é o setor mais certo da Seleção, ou não é?

Segundo sete jornalistas, Leão irá emplacar a sua terceira Copa do Mundo. Mas a sua escolha se deu mais por falta de alternativas para a posição do que propriamente por méritos. Os que votaram nele não o fizeram com muita convicção e os comentários eram iguais:

— É o Leão mesmo, não tem outro...

Carlos continuou como o eterno reserva e dois nomes novos surgiram: Gilmar, do Palmeiras, e Paulo Goulart, do Fluminense, como opções. A zaga central foi a que mais opções apresentou, num total de sete nomes citados: Polozzi, Mauro Galvão, Luís Pereira (que deve voltar ao futebol brasileiro), Marinho (Flamengo), Amaral, Oscar e Luís Cláudio (Botafogo). As

## No escrete reserva, as três promessas



4 citações



2 votos



1 voto

maiores surpresas ficaram por conta de Luís Cláudio, do Botafogo, e Marinho, zagueiro recém contratado pelo Flamengo ao Londrina. O jornalista Antonio Maria Filho, do **Jornal do Brasil**, responsável pela cobertura diária do clube, justificou o seu voto:

— Só quem acompanhou o jogador de perto é que pode conhecê-lo bem e este Marinho é um cracão. Vai à Copa como titular, pode escrever:

A ponta direita também não deixou de ser uma surpresa, tal o número de votos para Tita: sete. Foi outro caso em que o comportamento do jogador em campo teve mais valor do que a sua técnica. Os que votaram nele ressaltaram até mesmo uma limitação

técnica como autêntico pontadireita mas a garra, e disposição do jogador, que é considerado um dos mais violentos do futebol carioca, suplantou o aspecto técnico. Para a sua reserva, o ainda amador Jorginho, com dois votos e com opções Zico e Nilton Batata. Na esquerda, Zé Sérgio, que em 78 era conhecido apenas como "o primo de Rivelino", ganhou fácil de Joãozinho, do Cruzeiro, por oito a três.

Portanto, entre opções e surpresas, só mesmo um jogador é considerado titular absoluto, incontestável, digno dos maiores elogios: Falcão, com muita justiça. Como ele recebeu a totalidade dos votos, na sua reserva ficou uma lacuna a ser preenchida pelo leitor.

Mesmo sem um técnico escolhido (a apuração foi feita antes do técnico ser conhecido), os jornalistas não tiveram dúvidas em apontar a sua seleção. Todos, porém, tiveram a mesma reação ao perguntarem:

— Mas será que o técnico escolhido aceitará tais jogadores?

Por filosofia de trabalho ou de disciplina, pode ser até que novos nomes surjam com um Telê Santana, um Zagalo, um Evaristo Macedo. Mas por méritos técnicos, é bem provável que o técnico escolhido não se distancie muito da Seleção eleita para 82. Dentro dos critérios em que a Seleção foi escolhida ela é bem coerente e pode ser o time de estréia na Espanha em 82.

## O time titular de cada um e as opções

Leão  
Rosemiro  
Amaral  
Edinho  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Zico  
Tita  
Roberto (Sócrates)  
Zé Sérgio

CARLOS ALBERTO RÓDRIGUES (Reporter de O Globo)

Leão (Carlos)  
Toninho  
Polozzi (Amaral)  
Amaral (Oscar)  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Paulo Cesar Lima  
Zico  
Sócrates  
Zé Sérgio

JOÃO AREOSA (Redator do Jornal do Brasil)

Paulo Goulart (Gilmar)  
Mauro (Rosemiro)  
Polozzi (Edinho)  
Amaral  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Zico  
Tita  
Sócrates  
Zé Sérgio

GERALDO MAINENTI (Repórter de O Globo)

Leão  
Toninho (Rosemiro)  
Marinho  
Amaral  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Zico  
Tita  
Roberto  
Zé Sérgio

ANTONIO MARIA FILHO (Repórter do Jornal do Brasil)

Carlos  
Toninho (Rosemiro)  
Oscar  
Amaral (Mauro Galvão)  
Júnior (Pedrinho)  
Batista  
Falcão  
Zico  
Tita  
Reinaldo (Bira)  
Zé Sérgio

ARISTÉLIO ANDRADE (Chefe de redação de Placar no Rio)

Leão  
Mauro  
Oscar (Polozzi)  
Amaral (Edinho)  
Júnior (Pedrinho)  
Batista  
Falcão  
Zico  
Nilton Batata (Jorginho)  
Sócrates  
Joãozinho (Zé Sérgio)

SERGIO NORONHA (Comentarista da TV Educativa)

Gilmar (Carlos)  
Mauro  
Mauro Galvão  
Amaral  
Pedrinho  
Guina  
Falcão  
Zico  
Jorginho  
Sócrates  
Joãozinho

MILTON COELHO DA GRAÇA (Chefe de redação de O Globo)

Leão  
Mauro  
Luís Cláudio  
Mauro Galvão  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Zico  
Tita  
Baltazar  
Zé Sérgio

SANDRO MOREIRA (Repórter do Jornal do Brasil)

Carlos  
Rosemiro  
Oscar  
Mauro Galvão  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Zico  
Tita  
Bira  
Joãozinho

MANOEL EPELBAUN (Correspondente de Golex e Clarin, Argentina)

Leão  
Nelinho  
Luís Pereira (Oscar)  
Amaral  
Júnior  
Batista  
Falcão  
Carlos Alberto  
Tita  
Roberto (Zico)  
Zé Sérgio

TELMO ZANINI (Repórter do Estado de São Paulo)

Leão  
Rosemiro  
Mauro Galvão  
Amaral  
Pedrinho (Júnior)  
Falcão  
Batista  
Zico  
Jorginho  
Sócrates  
Zé Sérgio

MICHEL LAWRENCE (Editor de Esportes da TV Globo)

A cotação de Sócrates caiu entre os jornalistas. Falcão surge como o grande craque. Paulo Cesar voltou ao banco. Apenas uma lembrança pra Reinaldo.

MAIS UM



**Este rapaz foi morto pela PM**

# Testemunha revela crime do Vidigal

No dia 12 de janeiro, durante uma batida da PM no morro do Vidigal, zona sul do Rio de Janeiro, o jovem Amauri da Conceição foi morto. Os policiais alegaram que ele portava um saco de maconha e que tinha resistido à ordem de parar, entrando inclusive em luta com um deles. A Associação dos Moradores da favela, com apoio do advogado Sobral Pinto, fez passeata de protesto contra o assassinato em frente ao Instituto Médico Legal no dia 16 de janeiro, pedindo providências às autoridades.

Marcão (Marco Antônio Silva de Oliveira), que trabalha na Associação cuidando da parte cultural e é o encarregado do jornal da comunidade, o "Mensageiro", estava na favela na hora do crime e revela a verdade sobre o caso: Amauri não carregava maconha nenhuma, era trabalhador e foi friamente assassinado a tiros de escopeta, arma de grosso calibre usada até pra caçar animais. Abaixo o seu relato.

**S**ábado, 12 de janeiro, 11 horas da manhã, na favela do Vidigal. Lá vinha o camburão da PM para mais uma investida no morro, como de costume. Eles conhecem o morro na palma da mão. Quem forneceu o mapa a eles foram alguns birosqueiros do final da estrada do Tambá, assim que eles começaram a subir. Hoje qualquer camburão da PM que sobe o morro do Vidigal conhece o caminho e os birosqueiros. Mas nesse sábado, 12 de janeiro, foi muito triste. O camburão subiu e, quando chegou no final da Estrada do Tambá, todos saltaram e o motorista desceu com o camburão vazio para esperá-los lá na Avenida Niemeyer. Os PMs vieram por dentro da favela, como sempre pelo caminho da Pedrinha.

A intenção deles era sair atrás da boca de fumo. Mas bem longe da boca eles encontraram com um rapaz chamado Amauri, de 18 anos, que ia inclusive servir no quartel dentro dos próximos meses. Amauri estava fazendo um biscate carregando areia e contava o dinheiro que acabava de receber quando surgiram os PMs. Ele ficou nervoso pois levou um susto com os PMs apontando a arma e dizendo: "Não adianta, fique parado". Um deles agarrou Amauri, furioso, e no corpo a corpo Amauri, apavorado, chegou a empurrá-lo, querendo se defender pois não estava entendendo nada. Aí um dos policiais falou com bastante raiva para o outro: "saia da frente dele"! O colega obedeceu e ele apontou a arma e atirou covardemente no rapaz. Este tiro foi com uma arma chamada escopeta, de grosso calibre. Dizem até que é arma de matar búfalo.

O rapaz recebeu o tiro, tentou correr, cambaleou e caiu no mesmo lugar. Quando o policial percebeu o

que tinha feito ao rapaz, começou a mudar de cor e se apavorar. A primeira coisa que eles fizeram foi não deixar ninguém se aproximar do rapaz. Quando perceberam que o rapaz tinha falecido, eles não sabiam o que fazer. Abandonaram o corpo e fugiram. No meio do caminho encontraram a irmã do rapaz, que estava com a filhinha de 4 anos no colo e já ia para o local. E ela ficou perguntando: "moço, por que o senhor matou meu irmão? O que foi que ele fez?"

Os policiais mandaram ela calar a boca e continuaram andando rapidamente, com a moça atrás, até que chegaram na rua, a irmã de Amauri em pânico, ainda atrás deles. Nisso chegou um táxi. Eles fizeram sinal, entraram e a moça, segurando a porta do carro, quase foi arrastada. Os PMs seguiram para encontrar o camburão na Avenida Niemeyer.

À medida que os favelados foram tomando conhecimento do fato, foram se revoltando, em poucos minutos toda a favela estava sabendo do ocorrido. E todos os moradores começaram a pedir justiça.

Quando os policiais souberam da pressão dos moradores, começaram a dizer que o rapaz era bandido e tinha puxado a arma contra eles e inclusive atirado. Só se eles fossem homens-moscas não seriam atingidos por uma bala que teria vindo de tão perto. Eles também disseram que o rapaz estava com um saco de maconha. Mais tarde ficamos sabendo que um deles se apresen-



O protesto na rua

tou na delegacia local todo rasgado e sujo, alegando que tinha sido luta corporal com o garoto.

Todos no Vidigal sabiam que Amauri era trabalhador biscateiro e estudava à noite. Ele foi mais uma vítima, como tantas outras, que a PM vem fazendo nas favelas. Depois de morto ainda foi difamado por eles.

Agora, nós, favelados, estamos perguntando às autoridades competentes: até quando vai continuar a matança nas favelas?

Agora a PM está fazendo uma campanha contra a Associação de Moradores do Vidigal em programa de televisão. Estão dizendo que a boca de fumo está financiando ônibus para os favelados fazerem passeata, e também que já morreram quatro policiais no Vidigal. Tudo isso é mentira. Eles querem encontrar desculpas para um crime que cometeram em cima de um inocente pois esta mesma turma já estava acostumada a subir o morro toda a semana e, o que é pior, de armas na mão e de cão pra trás, deixando sempre os favelados em pânico. Muitas pessoas já foram presas por eles em outras oportunidades e liberadas, minutos após, assim que entregavam tudo de valor que tinham.

Queremos informar às autoridades que a Associação dos Moradores trabalha especificamente na urbanização da favela e seus diretores são pessoas de muita responsabilidade. Gostaríamos que a PM provasse as acusações que vem fazendo, pois podemos abrir um processo por calúnia contra eles.



Dona Maria Conceição

## Mãe exige punição para os culpados

Maria da Conceição, mãe de Amauri, está revoltada. Ela diz que foi muito maltratada na delegacia, quando foi tratar do caso. "Me trataram com muita ignorância". Ela dispôs a "seguir os conselhos da Associação dos Moradores e do doutor Bento Rubião, do escritório do Sobral Pinto, pra punir os culpados".

Dona Maria conta que, no momento em que Amauri foi agarrado pediu para sua sobrinha ir chamá-la, mas ela não saiu do lugar, senão ela chegaria a tempo de impedir o "acontecimento covarde". Ela jura, porém, que a coisa não vai ficar assim porque o falecido não devia nada aos policiais:

— Na luta para não ser algemado ele estava resistindo à prisão quando foi jogado para o lado e baleado em seguida. O policial que atirou, escondeu a escopeta (arma do crime) atrás de uma árvore, disfarçando a atenção dos curiosos que iam chegando. Ele só apanhou a escopeta na hora de fugir, depois que sentiu que tinha matado o rapaz.

# REPORTER

DESARMADO E À PAISANA